
True love. An old enemy. It begins where it ends.
Enchanted
DAISY
PRESCOTT


É TEMPO DE CELEBRAR!
1 ANO WAS!




TRADUÇÃO: MIKA HANAZUKI

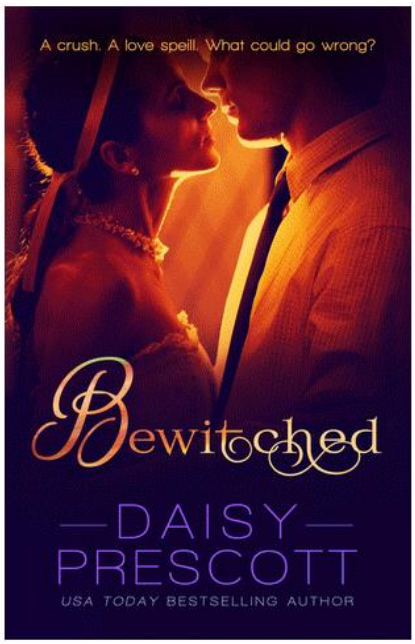
REVISÃO INICIAL: MIKA HANAZUKI

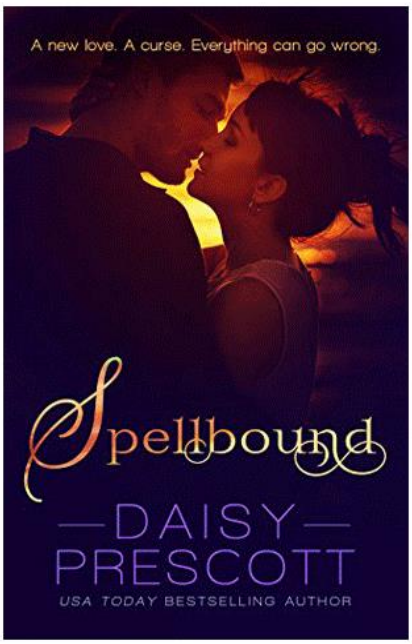
REVISÃO FINAL: AURORA WINGS

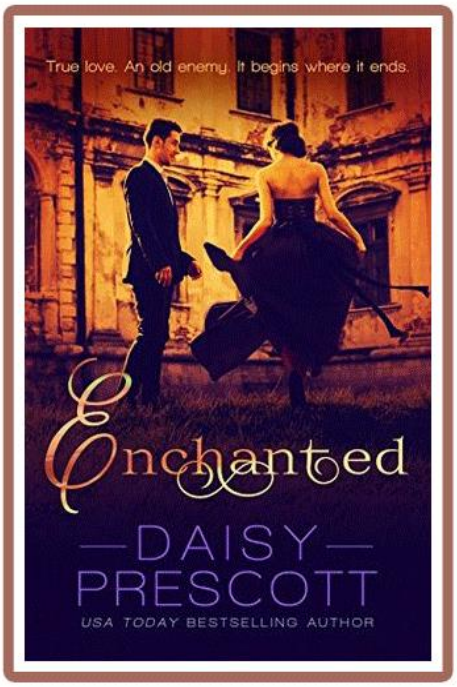
LEITURA FINAL: SERAPH WINGS

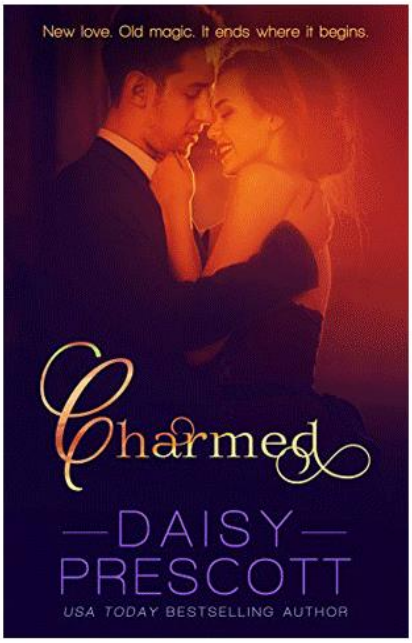
FORMATAÇÃO: AURORA WINGS

# SÉRIE BEWITCHED
## DAISY PRESCOTT




WARRIORS ANGELS OF SIN
WAS
TRADUÇÕES

# AVISO

A presente tradução foi efetuada pelo grupo Warriors Angels of Sin (WAS), de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os ao leitor, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil.

A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo WAS poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras.

Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo WAS de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

# SINOPSE

Amor verdadeiro. Um velho inimigo. Começa onde termina.

Dois meses atrás, eu não acreditava em magia.

Claro, eu tinha lançado um feitiço de amor envolvendo glitter e pimenta, mas vamos lá... mesmo eu não achava que um pouco de pimenta rosa poderia fazer um homem se apaixonar por mim.

Com que rapidez eu mudei.

Ver para crer, e assistir Andrew acender a fogueira só com as mãos definitivamente mudou minha opinião.

Minha antiga paixonite, o taciturno e lindo Andrew Wildes, agora é meu namorado.

E um bruxo. Um de verdade.

A questão é: eu sou?

# Capítulo Um

Dois meses atrás, eu não acreditava em magia.

Claro, eu tinha lançado um feitiço de amor envolvendo glitter e pimenta, mas vamos lá... mesmo eu, não acho que um pouco de pimenta rosa poderia fazer um homem se apaixonar por mim.

Com que rapidez eu mudei.

Ver para crer, e assistir Andrew acender uma fogueira só com as mãos definitivamente mudou minha opinião.

Minha antiga paixonite, o taciturno e lindo Andrew Wildes, agora é meu namorado.

E um bruxo. Um verdadeiro.

A questão é: eu sou?

Acho que eu saberia. Não saberia?

De acordo com Sarah, a mãe de Andrew, a maioria das bruxas não fica ciente de seus poderes até completarem vinte e um anos. Evidentemente tenho um amadurecimento tardio, porque fiz vinte e um há mais de um mês, e até agora nada.

Toda semana, desde o Halloween, eu me encontro com Sarah na sua loja em Salem. Ela faz chá e depois tentamos descobrir se eu herdei alguns dons de minha ancestral, Mary Bradbury. De acordo com Sarah, Mary escapou dos infames julgamentos fugindo de Salem. Como uma gata.

É muito para processar.

Tudo que eu acreditava sobre o mundo mudou. No entanto, na superfície, a vida é tão chata e normal como sempre.

Minha melhor amiga, Sam, ainda faz leituras de tarô e pratica Wicca. E anseia por Tate Winthrop.

Luke Hamilton continua a ser um sapo, mas um anfíbio ligeiramente mais simpático.

Na aula, o professor Philips discute Hawthorne[1] enquanto usa remendos nos cotovelos do paletó de tweed. Pela centésima vez, ele nos adverte a não esperar até o último minuto para começar nossos trabalhos finais. Sua barba grisalha está mais desgrenhada do que o normal, e seu cabelo parece que foi pego em uma tempestade de vento.

Felizmente o semestre está quase no fim.

— Tic tac. Tic tac. — Philips toca o antigo relógio em seu pulso. O vidro está embaçado e manchado de amarelo como se alguém tivesse derramado chá dentro dele. — Vocês têm até amanhã às dez horas para entregar seus trabalhos.

— Por favor, tenham piedade de mim e entreguem cedo para que eu possa desfrutar do *O Quebra-Nozes*[2] em Boston no sábado, em vez de ler os trabalhos até altas horas da madrugada.

O hálito quente de Andrew faz cócegas no meu ouvido quando ele se inclina para sussurrar: — Quanto tempo faz que terminou o seu?

---

[1] Hawthorne é um autor e escritor americano, entre suas obras "A Letra Escarlate".
[2] O Quebra-Nozes é um ballet composto por Tchaikovsky, geralmente apresentado na época do Natal.

— Na semana passada. — Se eu virasse minha cabeça, nossos lábios se tocariam. Isso é muito tentador, então me remexo no lugar, colocando distância suficiente entre nós para olhar para ele. — Você?

— Eu terminei há duas semanas quando não tinha nada melhor para fazer. Todos os meus projetos finais estão prontos. Eu tenho um último exame amanhã de manhã, e então este semestre acabou. — Ele passa seus dedos longos através da bagunça de cabelos escuros que nunca consegue domar. Pessoalmente, eu adoro seu cabelo sempre bagunçado.

Uma sensação de alívio cai sobre mim. — Obrigada Senhor. Eu mal posso esperar para sair do campus neste fim de semana.

— Tem certeza de que não quer se livrar dos nossos amigos? — Ele levanta as sobrancelhas escuras e ergue os óculos desnecessários, um resquício do seu disfarce 'garoto sem graça' usado para evitar chamar atenção. A grossa armação negra mal moderava a força de seus gelados olhos azuis. — Nós não tivemos tempo a sós desde a repetição do jantar de aniversário.

Eu suspiro. É tentador, especialmente quando ele olha para mim como se pudesse ler cada pensamento em minha mente e soubesse exatamente o efeito que tem sobre mim.

— Vamos abandonar nossos amigos e fugir. — Ele me dá um sorriso suave e eu derreto.

Eu pisco algumas vezes para limpar a minha cabeça. — Eu não posso. É tradição para Sam e eu passarmos o fim de semana depois das finais juntas. No verão, nós dormimos na cabana dos meus avós

em Cape. O inverno na fazenda é o nosso Natal antecipado antes de seguirmos caminhos separados.

— Estou ansioso para ver esta fazenda.

— Você provavelmente ficará entediado. É na floresta e não há nada a fazer além de quebra-cabeças, beber chocolate quente, comer e cochilar. Minha avó cozinha constantemente, então é completamente impossível passar fome. Se eu não a conhecesse bem, juraria que está tentando nos engordar como a brux... — Paro antes de dizer a bruxa de João e Maria.

— Bruxa. Você pode dizer a palavra. Tanto quanto sei, os irmãos Grimm[3] não conheciam bruxas de verdade. Daí os estereótipos. Eu nunca conheci ninguém que quisesse comer crianças. Além disso, uma casa feita de pão de gengibre é totalmente fora da realidade e insustentável no clima da Nova Inglaterra.

Seu tom super sério me faz rir.

— Não, não é realista. Pense nas infestações de esquilos. — Eu coloco uma mecha do meu cabelo escuro atrás da orelha. Eu cortei meu cabelo no início deste semestre. Está finalmente voltando a crescer, e praticamente longo o suficiente para fazer um rabo de cavalo.

Ele descansa a mão na minha cadeira enquanto se levanta. — Por curiosidade, é a mãe do seu pai?

— Sim, vovó Bradbury. Meu avô faleceu quando eu estava no ensino médio. Ela se recusa a se mudar, mesmo que a casa e a terra

[3] Irmãos Grimm são autores alemães de contos infantis

sejam demais para uma pessoa. De alguma forma, ela consegue administrar com a ajuda de meus pais e outra família. Diz que a casa está na família há muito tempo para ir embora. — Depois de juntar minhas coisas, enfio na minha bolsa. — Ela ficará feliz em ter companhia.

— Estou ansioso para conhecê-la. — Ele dá um passo atrás para me dar espaço para levantar.

— Quando você e Tate podem estar prontos para partir na sexta-feira?

— Duas? Ele precisa de seu sono de beleza. E temos que nos certificar de que os residentes saiam do dormitório. As alegrias de sermos Assistentes Residentes. — O cenho franzido de Andrew me diz que não há alegria em estar de plantão nos dormitórios.

— Todo esse poder. — Eu bato o ombro dele com o meu próprio. — Não deixe isso subir à sua cabeça.

Eu poderia estar falando sobre seus poderes oficiais no campus, mas ele é o filho da mais poderosa bruxa em Salem.

Andrew ri. — Vou me lembrar disso. Um ano tivemos um cara escondido em seu armário porque ele não queria ir para casa. O mesmo garoto que chorou quando seus pais o deixaram no começo do semestre.

— Como ele planejava sobreviver sem a cafeteria? — Nossos colegas são um bando de esquisitos.

— Ele estocou cereais, biscoitos e pacotes de chocolate quente, roubados do refeitório.

— Eu não posso imaginar escolher isso a ir para casa.

— Algumas pessoas têm pais horríveis.

Andrew saberia. Seu pai parece um pesadelo.

— Falando nisso... — deixo minha frase inacabada.

— Não, não falo com ele desde que descobrimos a maldição e o papel dele nisso. — Andrew faz uma careta.

Eu não posso imaginar um dos meus pais tentando me impedir de me apaixonar. Ou de ser amada. Nenhuma pessoa decente poderia ser tão desprezível. — Ele ainda liga várias vezes por dia?

— Ele liga, mas o deixei encher minha caixa de mensagens. Agora ele não pode deixar uma mensagem. Isso vai deixá-lo apoplético. — Andrew sorri com a ideia.

— Será que ele vai aparecer por aqui, se não conseguir falar contigo?

— Ele evita a costa norte a todo custo. Acredito que ele uma vez se referiu a Salem como um buraco provinciano do inferno.

— Quanto mais você me fala sobre ele, mais encantador ele parece.

— Não leve a mal, mas espero que você nunca o encontre. — Seus olhos ficam frios e duros.

— Soa bem para mim. — Eu deslizo minha mão na dele e aperto. Olhando em volta, percebo que todo mundo saiu. Encorajada pelo quarto vazio, dou-lhe um beijo rápido no canto da boca. Sua bochecha encurva quando ele sorri sob meus lábios.

— O que o professor Philips acharia de tal demonstração de afeto? — Ele murmura antes de me beijar apropriadamente, deixando minha boca ocupada demais para dar minha opinião.

O beijo se torna mais quando nossas línguas se movem uma contra a outra. Quando sua mão desliza sob meu suéter, sua pele queima em minha cintura, eu me pergunto se alguém já batizou a mesa do seminário e em quantos problemas nós estaríamos se alguém nos descobrisse.

— Devemos ir antes de eu bloquear a porta com a estante, — diz ele entre beijos contra os meus lábios.

Parte de mim quer descobrir se ele iria movê-la com força manual ou magia. — Como?

— Com a força do homem brutal. Claro. — Ele pisca para mim. — Para alguém que não acredita em magia, você é obcecada com minhas habilidades especiais.

Ele tem razão. Algo sobre suas habilidades me faz perder o pensamento racional. — Eu ficaria tão feliz em ver você usar a força bruta.

Sem camisa, eu penso, mas guardo essa parte para mim.

O corredor está vazio quando caminhamos para a porta do prédio. Lá fora, a escuridão substituiu a fraca luz solar da tarde de dezembro.

Uma lâmpada no lustre acima de nós pisca algumas vezes antes de queimar, escurecendo a luz no vestíbulo.

— Você? — Eu pergunto a Andrew.

— Não. Você estava esperando por uma iluminação mais romântica? — Ele se aproxima e pressiona um beijo nos meus lábios.

— Eu nunca sei o que é magia e o que é coincidência.

Nós saímos e a lâmpada no poste de luz na parte inferior dos degraus pisca.

Meus olhos se voltam para Andrew. — Ok, uma vez é uma coincidência.

— Juro que não sou eu. — Sua expressão muda e ele olha para o crepúsculo.

Uma sensação arrepiante de estar sendo observada cai sobre mim. — Vamos sair daqui.

Ele segura meus dedos mais apertados. — O que houve?

— Todos os minúsculos pelos do meu braço ficaram em alerta máximo. Parece que alguém está lá fora, observando. Esperando por nós.

Ele estende o braço e gentilmente me puxa contra ele, colocando seu corpo na frente do meu. Seu domínio sobre mim é forte e ele irradia adrenalina. Girando-nos ao redor, ele envolve seus braços a minha volta, então minhas costas estão para o gramado enquanto eu o encaro.

Eu escuto, procurando por passos ou ruídos ameaçadores. Eu não tenho certeza se estou esperando rosnados, mas o que quer que esteja lá fora não é amigável.

— Beije-me, — ele comanda, roçando sua boca contra a minha.

— Agora? — Eu sussurro de volta.

— Confie em mim.

Mesmo com os olhos fechados, estou muito tensa para apreciar plenamente a sensação dos lábios dele nos meus. Eu desisto e ergo minhas pálpebras. Os olhos de Andrew também estão abertos e ele está olhando por cima do meu ombro.

— Você pode ver alguma coisa?

Um pequeno amontoado de folhas secas farfalha pela calçada perto dos nossos pés, soprado por uma brisa que não existia há um momento. Elas rodam e dançam, caindo nos degraus e sobre o gramado, seu som abafado enquanto elas se movem pela grama morta.

— Você? — Eu olho em seus olhos azuis cristalinos.

Ele não quebra seu foco quando beija meus lábios. — Eu. Se alguma coisa ou alguém estiver lá fora, quero ter certeza de que sabem quem eu sou.

— Não se esconde mais? — Minha voz racha sobre o pensamento de uma bruxa estranha nos perseguindo.

Ele desce seu olhar para o meu e segura. — Eu me fiz conhecido na fogueira da lua cheia. Não há como voltar agora.

Eu arrasto meus dentes sobre o meu lábio inferior enquanto a energia de luta e fuga deixa meu corpo. — Eu acho que estamos sozinhos novamente.

Quando o poste de luz não religa, estou desapontada. Eu fico olhando pare ele por alguns segundos.

Andrew pigarreia. — Devemos ir para a casa de Tate.

— Reunião de emergência do coven? — Eu imagino uma versão bruxa do bat-sinal no céu noturno. Provavelmente ainda seria um morcego. Ou talvez um gato preto?

Ele bate de leve no meu nariz. — Não, é nossa tradição ter uma pequena reunião em casa depois das finais. Todo mundo já foi, menos eu.

— Uma festa soa muito melhor do que vagar por aqui no escuro.

Concentro-me na lâmpada cercada por vidro. Nada.

Estamos na metade da escadaria quando nossas sombras reaparecem sob o brilho suave da luz do poste.

— Você, — ele pergunta.

— A menos que seja uma reação tardia, não. — Eu assumi que ele acendeu a luz novamente. Espero não parecer desapontada.

# Capítulo Dois

Passamos pelo meu quarto para que eu pudesse me trocar e pegar Sam para a festa. Ela nunca me perdoaria se eu fosse ao Tate sem ela.

Não é a casa que ela ama. Embora as palavras 'grandiosa e magnífica' venham à mente quando penso na casa de veraneio da família Winthrop.

— Lembre-me novamente que barão ladrão construiu esta casa? — Saio do medíocre e velho Audi A4 negro de Andrew.

— Não deixe Tate ouvir você chamar sua família de novos ricos. — Andrew põe a mão sobre o coração.

Sam fecha a porta. — A família de Tate é velha em comparação com todos, menos com os Bradfords. Os Winthrops fizeram sua fortuna inicial na Inglaterra e depois na política e no comércio de peles aqui.

— Um bando de seguidores do Mayflower[4], — Andrew falsamente resmunga. — Droga, eu pareço com meu pai.

A mesma sensação de desconforto do campus formiga pela minha espinha. Qualquer menção ao homem me dá calafrios. Quem coloca um feitiço em seu filho? Uma maldição contra o amor? O pior tipo de pessoa. Stanford Bradford, é quem faz.

Subimos os largos degraus de pedra até a porta da frente. Sem todas as decorações festivas de Halloween, a casa me lembra de

[4] Mayflower é o navio em que imigrantes europeus chegaram na América.

uma condessa viúva, incrivelmente velha, mas ainda elegante. Nada acolhedora, ou amigável, mas impressionante.

Local da festança anual de Halloween de Tate e de Andrew, a casa parece diferente sem fantasmas pendurados nas árvores e uma aranha gigante dominando o gramado. Nenhuma luz festiva ilumina a enorme fachada de pedra.

No entanto, ainda consegue parecer imponente.

— Eu não posso acreditar que esta é a casa de verão deles. Nada diz 'relaxamento' como um grande pórtico, — murmuro para mim mesma.

— Gárgulas estragam a vibração de relaxamento. — Andrew não esconde sua diversão enquanto desliza seus dedos entre os meus. — Isso é para o palácio de inverno.

Sam chia ao meu lado.

— Ele está brincando. Ninguém tem um palácio — asseguro-lhe.

Quando Andrew não confirma imediatamente, eu acrescento: — Certo?

— Não seja boba. Seus parentes distantes vivem em modestas casas federais em Beacon Hill como o resto da plebe. — Seu sorriso é provocativo.

Os olhos de Sam ficam muito arregalados. Acho que saber que sua paixão é dos 'um por cento da minoria de ricos' pode estar a enlouquecendo. Ela e eu somos de sólidas famílias de classe média, completamente chatas e comuns em todos os sentidos.

O mesmo não é verdade para Andrew e o gigante com os dreadlocks loiros escuros que acabou de atender à porta da frente.

— Desde quando você bate, Wildes? As janelas estavam trancadas? — Tate bate no ombro do melhor amigo e sorri para todos nós. — Entrem, entrem. Não deixem sair o calor. Nem mesmo um Winthrop pode se dar ao luxo de manter esse lugar aquecido.

Eu duvido disso.

— Alguns dizem que a antiga mansão é cheia de correntes de ar, mas eu prefiro chamá-los de fantasmas. Que chato ter uma casa por mais de duzentos anos que não seja assombrada. Completa decepção se você me perguntar. — Tate está andando e falando conosco por cima do ombro, nos levando através do grandioso hall e entrando na biblioteca.

Um fogo arde na grande lareira com sua enorme chaminé de pedra. Os olhos de vidro dourados brilham nos ferros da lareira em forma de coruja. Três enormes sofás de couro enchem o espaço não tão pequeno. Algumas pessoas que reconheço vagamente ocupam as duas mais próximas do fogo.

— Pessoal, este é o resto do pessoal. — Tate faz um movimento geral abrangente ao redor da sala para nos apresentar. — Todos vocês deveriam se conhecer.

Andrew sorri e cumprimenta o casal deitado em um dos sofás. Com seus cabelos escuros e encaracolados e olhos escuros, eles poderiam ser gêmeos. Irmãos ou casal, não tenho certeza, mas

Andrew os apresenta para mim. — Everett e Aldie, esta é minha namorada, Madison.

Ninguém parece surpreso com o rótulo. No entanto, minhas costas se endireitam com orgulho no meu novo título. Eu ainda não consigo acreditar que ele é meu namorado. Eu dou um aceno coletivo para o grupo e me aproximo do calor da grande lareira.

— Quem precisa de uma bebida? — Andrew pergunta ao grupo.

— Eu posso ajudar. — Sam caminha ao lado dele.

— Para a cozinha! — Tate une seus braços e gira ambos porta afora.

— A casa é realmente assombrada? — Pergunto a Andrew.

Descansando no braço do sofá mais próximo, ele estica as pernas longas cobertas de jeans pretos e cruza os tornozelos. — Depende de como você define assombrado. Uma boneca possuída vai ganhar vida e te matar para vingar a infeliz e horrível morte de uma criança? Provavelmente não.

Eu juro que meus olhos saltam da minha cabeça. — Provavelmente?

— Quase certamente não. Nunca é aconselhável descartar completamente qualquer possibilidade. — Ele arqueia uma das sobrancelhas escuras. — Você não concordaria?

— Alguém morreu aqui? — Eu olho em torno de paredes revestidas de prateleiras e painéis de madeira nobre.

— Na biblioteca com um candelabro. Ou foi um atiçador de fogo? — Ele sorri. — Isto não é um jogo de detetives.

— Alguém ainda joga esse jogo? — Everett pergunta do sofá.

Andrew olha por cima do ombro com um sorriso. — Quem pode dizer. Tenho certeza de que há uma cópia por aqui, em algum lugar, se você estiver interessado em assassinato.

Minhas costas completamente aquecidas, eu chego mais perto de Andrew. — Você não respondeu a minha pergunta.

Ele pega minhas duas mãos nas dele. — Claro que pessoas morreram aqui. Um monte delas. Mortes naturais bem documentadas. Na maior parte. Alguns relatos questionáveis de envenenamentos e uma infeliz queda de uma janela do segundo andar.

Andrew e Sam voltam com cervejas e copos de bebidas. Eu cheiro a taça que Sam me entrega. — O que é isso?

— Não importa. Beba e seja feliz. —Ela bate o copo vermelho contra o meu.

Eu tomo um gole e o gosto de maçã e canela bate na minha língua, seguido por um calor persistente. — Humm, delicioso.

Bebendo sua cerveja, Andrew me observa. — Quer um passeio pela casa?

Tate fala do outro lado da sala: — O casal que deixa o grupo é sempre o primeiro a morrer. Clichê clássico de filme de terror.

— Eu acho que estamos seguros. — Andrew se levanta e nos leva para fora da sala.

— Você acredita em fantasmas? — Eu pergunto, enquanto o som dos nossos passos ecoa pelo chão de mármore no foyer.

— Acredito que tudo é possível. — Ele me puxa para mais perto das escadas. — Como quartos escondidos e passagens secretas.

— Realmente? — Eu não luto contra a minha excitação. — Eu sempre quis remover um livro e abrir uma parede para revelar outro quarto.

— Hoje à noite, seu desejo vai se tornar realidade. — Eu amo quando ele sorri. É como o sol atravessando nuvens escuras de tempestade, fugaz e deslumbrante.

Estamos a alguns passos do topo da grande escadaria quando badaladas profundas e estrondosas enchem o grande espaço.

— Essa é a campainha? — Eu paro no degrau abaixo de Andrew.

Ele se vira para me encarar, sua testa franzida. — Estranho. Todos nós batemos ou simplesmente entramos.

— Você convidou mais pessoas? — Tate aparece na base da escada. — Imprimiu folhetos? Mandou convites impressos?

—Eu não. — Andrew caminha ao meu lado. — Você sabe que eu realmente não gosto das pessoas.

Isso lhe rende uma risada de Tate. — Devo ter sido eu. Quanto mais, melhor.

Andrew geme. — Tate nunca pode manter essas coisas intimas.

— Podemos nos esgueirar antes que os recém-chegados nos vejam. — Aperto sua mão.

— Meu filho está aqui? — Uma voz profunda pergunta do limiar. — Ele não está retornando minhas chamadas.

Nós dois endurecemos. A mão de Andrew aperta o corrimão, os nós dos dedos ficando brancos pela pressão.

— Pai. — A palavra é veneno em sua boca.

Mais uma vez, ele para na minha frente, bloqueando meu corpo com o dele. Eu espio por cima do seu ombro para a enorme porta aberta, na maior parte bloqueada pelo corpo alto de Tate.

A voz profunda continua: — Ah, ele está aqui. Imaginei que estaria negligenciando as finais para festejar com seus amigos e camaradas.

As duas últimas palavras são cuspidas como cascas de girassol.

— As finais acabaram, — Andrew diz calmamente. — Obrigado por se preocupar comigo.

Minha pulsação rivaliza com as batidas das asas de um beija-flor.

— Estamos prestes a jogar o jogo do detetive, Sr. Bradford. Peço desculpas, mas não temos peças suficientes para visitantes atrasados. Talvez você possa se juntar a nós em outro momento, — Tate fala devagar e com condescendência. Inacreditavelmente, ele começa a fechar a porta na cara do pai de Andrew.

— Boa tentativa, Winthrop. — Um sapato preto, lustroso e polido, firma-se entre a porta e o batente. — Eu gostaria de falar com meu filho. Desde que ele recusa as ajudas da tecnologia moderna, eu

tive a cortesia de dirigir até aqui de Boston. Ele não é rude o suficiente para me afastar depois de todos os meus esforços.

Eu não posso nem começar a revelar todas as camadas de insultos e diretas em sua declaração. Eu perguntaria se ele 'era de verdade', mas depois de tudo o que Sarah e Andrew me disseram, esta é a versão moderada de Stanford.

Um terno de cor carvão cobria um braço apoiado contra a porta, abrindo-a mais. Uma fina linha de punho da camisa branca exposta acima de um enorme relógio chamativo. Tudo sobre o homem grita riqueza e poder, e eu nem vi o rosto dele ainda.

Tate olha por cima do ombro para nós, uma pergunta silenciosa por trás de seus olhar caloroso. Não tenho dúvidas de que ele poderia forçar a porta a fechar ou escoltar o Sr. Bradford do local sem muito esforço.

Quase imperceptível, Andrew balança a cabeça negativamente. Eu sinto o cabelo dele roçar na minha bochecha.

— Se eu te pedisse para subir, encontrar um quarto e trancar a porta atrás de você, você iria? — Andrew pergunta sem virar a cabeça.

— Não. Seu pai não me assusta, — eu sussurro.

Em um flash, seus lábios pressionam contra a minha bochecha antes do ar frio acariciar o mesmo local.

— Achei que não.

Não sei dizer se ele parece resignado ou orgulhoso. Talvez ambos.

Tate se afasta, fazendo um grande gesto de boas-vindas como um modelo exibindo mercadorias em um game show. — Você pode entrar.

As palavras são formais e estranhas vindas de Tate. Eu rio, pensando que ele está brincando, mas não há humor em seu rosto.

— Obrigado. — O homem de aparência mais entediante que eu já vi entra no foyer. O terno, o relógio e os sapatos pretos brilhantes são as únicas coisas interessantes sobre ele.

Não vou mentir, eu meio que esperava uma capa. E talvez um vil bigode fino.

Stanford é um homem de meia-idade, com cabelos castanhos claros, olhos castanhos pouco notáveis e uma constituição mediana. Da minha posição elevada nos degraus, posso dizer que ele é mais baixo que o filho.

A única coisa memorável sobre ele é a superioridade presunçosa de sua expressão quando olha diretamente para mim.

— Você deve ser a garota Bradbury que deixou meu filho tão encantado.

Não é um elogio. Ele praticamente cospe a referência à magia. Nada além de malícia e frieza preenche sua voz.

Sarah devia estar usando drogas pesadas ou algo para achá-lo namorável ou atraente o suficiente para ficar nua com ele. Talvez ela mesma estivesse sob feitiço.

— Andrew claramente esqueceu suas boas maneiras ao falhar em nos apresentar. Sou Stanford Bradford, senhorita Bradbury.

A maneira como ele diz meu nome parece uma ameaça. O formigamento na minha espinha retorna.

Andrew ignora os cutucões de seu pai. — O que você quer? Deixei explicitamente claro que não quero falar com você.

— Eu assumi que você estava ocupado com aulas e seus estudos. — Seus escuros olhos frios passam rapidamente por mim. — Vamos sair para ter privacidade?

Andrew não se move. — Tudo o que você quiser dizer pode ser dito na frente de Tate e Madison.

Seu pai estala a língua. — Isso não é aceitável. Estou bem ciente das habilidades de interferência do seu amigo. — Ele olha em direção à biblioteca. — Tem certeza de que quer que todos os seus companheiros foliões escutem nossa conversa?

Não sei quem sabe o que neste grupo. Sam ainda está praticamente no escuro sobre magia real, além do que ela aprendeu sobre ervas e cristais.

— Não adianta tentar tirar leite de pedra. — Tate dá de ombros. — Por que nós quatro não entramos na sala de jantar? Mais privacidade e não é tão fria.

Eu preciso de um dicionário de tradução Tate-Português hoje. Ele está falando em código. Eu sei que ele pode absorver e difundir emoções como um empata super poderoso, mas há algo mais acontecendo esta noite.

Andrew aperta minha mão. — Você não tem que se juntar a nós.

— Sim, eu tenho. — Eu desço as escadas.

Quando chegamos ao final da escada, o Sr. Bradford estende a mão e se aproxima de nós. Andrew se eriça. Eu fico ao lado dele, minhas costas retas e meu queixo levantado. Não vou permitir que outro convencido de Boston tente me intimidar.

— Você é tão adorável como eu ouvi falar. — Ele levanta a minha mão e sua respiração quente e rançosa acaricia a minha pele como o ar úmido em um trem lotado.

Recolhendo minha mão, coloco-a nas minhas costas, onde posso limpá-la na traseira da minha calça jeans, que vou lavar logo.

* * *

Dentro da elegante sala de jantar, que é centrada por uma longa mesa cercada por doze cadeiras, ninguém se senta.

Tate se apoia nas portas de correr fechadas enquanto Andrew e eu paramos do outro lado da mesa, perto do grande aparador. Stanford descansa os cotovelos no topo da cadeira na cabeceira da mesa.

A tensão desconfortável me faz escanear às paredes com papel de parede por uma linha indicativa de uma porta secreta, para o caso de precisarmos escapar. Infelizmente, não vejo uma.

Lembrando-me da minha bebida, tomo um longo gole, deixando a suave queimadura do álcool acalmar minha ansiedade.

Stanford finalmente quebra o silêncio. — Há um boato sobre uma reunião do coven algumas semanas atrás.

— Interessante. Esta é a palavra nas ruas de Boston? — O sarcasmo de Andrew é inconfundível.

— As pessoas falam. — Stanford limpa um fiapo imaginário da manga. Eu não posso imaginar poeira se atrever a se agarrar às suas roupas.

— Não as pessoas que conheço, — diz Andrew. — Surpreende-me que tenha alguma curiosidade sobre o que acontece em Salem. Você deixou claro que odeia esse lugar.

— Minha preocupação é com o bem-estar do meu único filho. Se ele insiste em morar aqui, é meu dever parental protegê-lo.

— Besteira. — Andrew corta a conversa.

— Olha a linguagem.

— Proteção? — Liberando minha mão, Andrew agarra as costas de uma cadeira. — É isso que você chama usar magia negra em seu filho?

Stanford empalidece, mas se recupera quase instantaneamente e solta uma risada seca. — É isso que sua mãe lhe disse? — Olhos castanhos sem emoção se concentram em mim. — Ou é coisa sua, senhorita Bradbury?

Toda vez que ele usa meu sobrenome, eu quero gritar. Parece ameaçador, uma ameaça implícita por trás das sílabas.

— Eu percebi isso, — fala Andrew, rompendo a competição de encaradas que seu pai está tendo comigo. — Todos esses anos com você me dizendo para ser sem graça. Esconder quem eu sou, ou então? Você me envenenou com seu próprio medo e vergonha do

poder de minha mãe. Virando-me contra o meu verdadeiro eu. Agora acabou.

Stanford balança a cabeça. — Você não sabe ao que está se expondo. O mundo é maior que a pequena Salem. Mais sombrio, mais perigoso.

— Quem te ajudou? Dê-me o nome da bruxa. — Andrew não suaviza seu pedido com um por favor.

— Eu não posso. — A voz de seu pai não deixa espaço para negociação.

— Não pode ou não quer? — Pergunta Andrew.

Seu pai aperta a mandíbula. — Não importa, você não receberá a resposta de mim.

— Você usou o maldições.com? Má ideia, senhor Bradford. — Tate entra na conversa.

— Você nunca fala sério? — Pergunta Stanford. — Não é tedioso passar pela vida bancando o idiota?

Tate olha para o teto por alguns instantes. — Melhor do que ser um idiota amargurado.

Eu rio e flagro a boca de Andrew se contorcendo enquanto ele luta com um sorriso. Eu não posso dizer se Tate deliberadamente aliviou o humor ou não.

Andrew cruza os braços. Sua expressão sóbria. — Se você não está disposto a nos dar o nome da bruxa usando magia negra, então nossa conversa aqui está terminada.

Por enfrentar o homem que estava disposto a sabotar a felicidade do filho por amargura e medo, Andrew está incrivelmente estoico.

— Bem, isso conclui outra estranha reunião familiar nesta sala de jantar. A maré de sorte está intacta. — Tate abre as duas portas de correr. O riso atravessa o foyer vindo da biblioteca.

Os sapatos brilhantes de Stanford estalam no chão quando ele cruza a sala para ficar na nossa frente.

— Não faça nada precipitado. — Stanford pega a mão de seu filho, mas Andrew evita seu toque. Encarando-me, ele continua: — Eu não aprovo você namorando meu filho. Eu pediria para você repensar suas noções românticas sobre bruxos e magia. Antes que seja tarde.

A sensação de ficar pendurada de cabeça para baixo me invade, seguido pelo balanço da sala girando. Sinto-me inclinar e encosto-me ao ombro de Andrew.

— Não se atreva a ameaçá-la, — grita Andrew. — Saia. Agora.

Eu nunca ouvi a voz dele soar tão fria e imponente. A casa parece parar em resposta. Toda a conversa e risada terminam abruptamente.

— E falando nisso, eu te acompanho. — Pegando o cotovelo de Stanford, Tate o guia até a porta. — Você não é mais bem-vindo aqui, Sr. Bradford.

Assim que a porta se fecha e a tranca se encaixa no lugar, a sensação do chão balançando termina e meu equilíbrio retorna.

— Você está bem? — Andrew envolve seus braços ao meu redor e me leva até os degraus.

— Sente-se. Tate, pegue um pouco de água. Por favor.

— Estou bem. Eu acho. Eu fiquei um pouco tonta. Provavelmente bebi a mistura de Sam muito rapidamente.

Tate retorna com um copo e me entrega.

Sam entra no vestíbulo. — Onde vocês três foram? Encontramos um conjunto de Cartas Contra a Humanidade. Vocês querem jogar?

— Você não nos ouviu? — Eu pergunto.

Andrew me encara e balança a cabeça. Minha boca se abre quando encontro seu olhar.

Como isso é possível? A campainha e a gritaria?

Ele olha na direção de Tate. — Mais tarde.

— Andrew e eu fizemos um tour na casa com Madison, — diz Tate, como se tivéssemos tido o melhor momento de todos.

Eu me junto na mentira. — Eu queria ver as passagens secretas e portas escondidas.

Sam faz beicinho. — Você não é a única.

— Outra hora, eu prometo, — diz Tate com um sorriso de flerte.

— Eu não estou me sentindo bem. — Um latejar irritante se fixou acima do meu olho direito. — Eu acho que deveria ir para casa e para a cama.

As sobrancelhas de Andrew baixam enquanto ele franze a testa. — O que você colocou nas bebidas, Sam?

— Encontrei um pouco de conhaque no armário de bebidas. Misturei com cidra e um pouco de whisky. Não ficou gostoso?

Quando Andrew e Tate mantêm uma conversa silenciosa com os olhos, começo a me preocupar.

— Talvez o conhaque esteja vencido, — sugere Tate

— Eu bebi e me sinto bem. Na verdade, eu estava prestes a fazer outra rodada, — diz Sam. — Alguém mais quer um? Não você, Madison. Você não parece tão bem.

— Eu vou ficar bem depois de dormir um pouco.

Andrew não pareceu concordar. — Vou levá-la para casa.

— Você pode ficar, Sam. Eu odeio arruinar sua diversão.— Eu encontro seus olhos e olho rapidamente para Tate.

— Não, eu vou com você. Se você acabar vomitando, eu deveria estar lá para segurar o seu cabelo. A menos que Andrew queira fazer isso?

— Hum. — Ele faz uma pausa.

— Por favor, não. — Eu aceno minhas mãos na minha frente. — Sono. Algum remédio e água. Eu estarei pronta para dirigir para a fazenda amanhã. Prometo.

# Capítulo Três

Infelizmente, acordo com a mesma dor de cabeça. Não é bem uma enxaqueca, mas está lá, e nada parece ajudar a fazer o martelar desaparecer.

Sam se oferece para me manchar[5].

Eu recusei.

Enquanto arrumo minhas coisas para as férias de inverno, penso na noite passada. Como é possível que ninguém na biblioteca tenha ouvido a chegada e o confronto com o pai de Andrew? Eu sei que as casas antigas têm paredes mais grossas e melhor construção, mas isso não explica como a conversa e o riso deles pararam quando Andrew ficou bravo.

Todas as piadas sobre fantasmas, casas assombradas e passagens secretas à parte, há algo estranho sobre a casa Winthrop.

Enfio minhas roupas e botas para o fim de semana em uma bolsa de lona LL Bean[6] enorme. O resto das minhas roupas está na minha mala grande e na bolsa de lavanderia. Eu vou ter uma quantidade épica de roupa para lavar quando chegar em casa. Além do meu laptop, eu não estou levando tanto quanto Sam, que ainda está sentada em cima de sua enorme mala enquanto força mais roupas em uma mochila.

---

[5] Manchar é purificar com ervas.
[6] LL Bean é a grife de bolsa.

Graças a Deus, porque depois de embalar tudo isso, preciso me deitar.

Andrew vai fazer seu exame final esta manhã e temos algumas horas antes de partirmos. Posso me deitar aqui e gemer baixinho de dor na minha cama enquanto Sam termina sua própria bagagem.

Ela acendeu as luzes decorativas brancas que penduramos para criar algum clima natalino no nosso quarto. Eu olho para elas, deixando meus olhos ficarem desfocados enquanto alargam e borram em globos maiores de luz.

— O que você sabe sobre a família de Tate? Além da parte da história antiga e da casa gigante? — Pergunto, deslocando os olhos para o lado dela do quarto e o pôster da capa da revista vintage *Bruxa Bruxa que* ela jura sermos nós.

— Você quer dizer pais, irmãos, esse tipo de coisa?

— Não, a família como um todo. Quem são os Winthrops?

— Eles são muito ricos, mas não há muito sobre os atuais on-line. — Suas bochechas avermelham. — Sim, olhei. Além das contas básicas de mídia social e algumas fotos de eventos da sociedade, eles são discretos. A maioria que surge é sobre o seu tatara-tatara-tatara-tatara, eu acho que é a quantidade certa de tataras, avô, o governador do século XVII.

— Por que você acha que é assim? — Eu pergunto.

— Dinheiro antigo. Eles vivem em um mundo diferente do resto de nós. Regras e padrões diferentes.

— Como os Kennedys?

Sam zomba. — Comparado com o Winthrops, os Kennedy são dinheiro novo.

— Então não há esqueletos nos tabloides? Escândalos antigos? Divórcios desagradáveis ou filhos bastardos aparecendo para causar problemas?

— Nada disso. — Sam balança a cabeça, sacudindo suas tranças loiras. — Muito superiores para essas coisas.

— Deve haver alguma sujeira. — Eu franzo a testa em frustração.

As palavras de Andrew sobre casas assombradas retornam.

— Talvez eles sejam realmente bons em *magicamente* esconder o que não querem que os outros saibam. — Eu deixei minha dúvida sobre magia se transformar em sarcasmo.

— Pode ser. — Sam se esforça para fechar o zíper em sua bolsa. — Como vamos colocar todas as nossas coisas no carro?

* * *

Por causa de todas as nossas malas, acabamos dirigindo dois carros para a fazenda da minha avó. Sam de carona com Tate e eu no banco da frente com Andrew. Minha dor de cabeça ainda persiste e estou lutando contra o desejo de tirar uma soneca. Temos o endereço programado no GPS de Andrew e minha lista de reprodução rodoviária enfileirada no aparelho de som. Meus deveres de copiloto estão resolvidos.

— Você deveria dormir. — Andrew tira meu cabelo do meu rosto.

— É a nossa primeira viagem. Eu não quero perder isso.

— Estamos dirigindo menos de duas horas e você conhece esse caminho de cor. Tire uma soneca. Talvez você se sinta melhor quando chegarmos.

Eu me aconchego no meu lugar, envolvendo meu cardigã macio ao meu redor, mais apertado. — Me acorde se você se perder. Ou parar para comer. — Eu inclino minha cabeça contra o assento e dou-lhe um sorriso preguiçoso enquanto o sono me arrasta.

— Madison, chegamos. — A voz de Andrew soa abafada e distante.

— Isso é impossível. Eu só fechei meus olhos há trinta segundos atrás, — murmuro.

Dedos quentes tiram o cabelo do meu rosto. — Já faz mais de uma hora. Você desmaiou.

— Eu estava babando? — Eu vou morrer se babei na frente de Andrew. Agh, nada menos sexy do que isso. Limpando a boca, percebo que o carro está parado perto de uma cerca de pedra.

— Nem um pouco. — Ele pressiona um beijo suave no canto da minha boca.

— Estamos realmente aqui? — Eu mudo de posição para poder espiar pela janela. Com certeza, a longa e familiar entrada de automóveis e bosques da fazenda me saúdam. Nós estamos parados no acostamento, mas a casa não é visível. O velho portão de madeira foi aberto para nossa chegada.

— Como está a cabeça? — Ele pressiona seus lábios macios na minha têmpora.

Eu penso nisso por um segundo. — Melhor.

Não há latejar ou pontadas. Nada.

— Deve ser todo o ar fresco de estar no campo, — diz ele, apesar das janelas estarem fechadas e do aquecedor do carro explodir ar reciclado.

Sua voz tem uma ponta de incerteza. Ele quase parece nervoso.

Eu pisco algumas vezes para limpar a névoa do sono da minha mente. — Você está bem?

— Claro. Por quê? — Seus olhos se movem para os bosques sombrios ao longo do estreito e não pavimentado caminho.

— Nada.

O ar quente da sua expiração acaricia minha bochecha. — Não me ocorreu antes de agora que vou conhecer sua família hoje.

— Tendo dúvidas? É cedo demais? Eu conheci seus dois pais. — Agora eu pareço nervosa quando minha voz se eleva.

— Não me lembre. — Ele pressiona seus lábios macios contra os meus. — E eu não estou tendo dúvidas. Isso parece um momento importante. Como se eu devesse ter trazido doces ou vinho para sua avó. Estou aparecendo de mãos vazias.

— Você não precisa trazer-lhe um suborno comestível. Ela vai amar você também.

O *também* escapa da minha boca e flutua ao redor do interior do carro como uma traça indesejável em um armário.

— Não vamos exceder nossas expectativas. Algumas pessoas acham que minha melancolia é menos que encantadora.

Eu não tenho certeza se estou grata que ele ignora a minha declaração estranha ou se é a minha expectativa que precisa ser reduzida.

— Vamos? — Voltando-se em seu assento, Andrew aponta através do para-brisa traseiro. — Tate e Sam estão atrás de nós.

Eu olho por cima do ombro e vejo os dois conversando no banco da frente do carro de Sam.

— Eles provavelmente não vão notar que os deixamos para trás.

Olhando no espelho retrovisor, Andrew toca a buzina três vezes. Os amigos platônicos se afastam como se ele tivesse vibrado seus assentos.

Rindo, eu me viro para frente.

Quando passamos pelo muro de pedra que flanqueia o portão, Andrew visivelmente estremece.

— Um gato preto desceu pela sua espinha? — Pergunto. — A vovó diz que quando você estremece e não está com frio, é o que acontece.

Ele levanta uma sobrancelha e balança a cabeça. — Verifique meu suéter por impressões de patas.

Nós estacionamos em frente ao celeiro inclinado, sua madeira desbotada e cinza pelo tempo. A porta do celeiro meio aberta para

revelar o interior escuro, as sombras densas na luz da tarde que se desvanece.

Perpendicular ao celeiro fica uma casa de fazenda colonial do século XVIII. Ao contrário do celeiro desleixado, a casa é pintada de um branco imaculado. As venezianas pretas flanqueiam cada uma das janelas como quadros ligeiramente oblíquos. Um caminho de laje leva à porta da frente, que permanece aberta apesar da temperatura fria hoje.

Minha avó está parada a meio caminho entre o celeiro e a casa, limpando-as mãos cobertas de farinha em seu avental, a frente do qual está manchado com uma combinação de marrons e vermelhos. Sorrindo, ela acena para nós. — Eu ouvi os carros pararem. Bem-vindos, bem-vindos.

— Alguém anda cozinhando. — Declaro o óbvio.

— Eu espero que vocês estejam com fome. — Minha avó sorri.

Andrew aperta minha mão. — Faminto.

Assim que dou a volta no carro, minha avó dá um passo à frente e me envolve em um de seus abraços. O cheiro de canela e noz-moscada me envolve quando ela pressiona a mão contra a parte de trás da minha cabeça. Lembro-me de quando mais nova ela me ultrapassava em altura. Agora me inclino um pouco para retornar seu abraço.

— Seu namorado é tão bonito, — ela sussurra no meu ouvido. Mais alto ela diz: — Eu senti sua falta.

— Eu senti sua falta também. — Minhas bochechas ficam quentes ao seu comentário sobre Andrew. Relutantemente, eu a solto e olho em seu rosto enrugado. — Você está bonita.

É fácil ver a beleza juvenil das velhas fotografias que revestem as paredes do corredor, apesar de suas rugas. Meu avô sempre a chamava de segunda olhada, porque um olhar nunca era suficiente.

— Oh, por favor. Eu pareço cada vez mais com uma daquelas maçãs secas. — Ela franze o rosto e olha para mim. — Tenho sorte de ainda poder sair sem os corvos me atacarem.

A risada profunda de Andrew soa atrás de mim.

Eu me viro para puxá-lo para frente para apresentá-lo. — Vovó, este é Andrew Wildes. Minha avó, Celeste.

— O prazer é todo meu. — Ele a cumprimenta com um sorriso e um aperto de mão.

Ela sorri para ele enquanto acaricia meu braço com a outra mão. A boa educação de Andrew a encanta. — Oh, você é para manter.

Sam e Tate se juntam a nós.

— Samantha. — Vovó a abraça e depois volta sua atenção para Tate. — E você deve ser o Winthrop.

— *O* Winthrop? — Eu murmuro para Andrew.

Encolhendo os ombros, ele observa minha avó estudando Tate enquanto segura sua mão nas dela.

Depois de um momento, as coisas começam a parecer estranhas quando nós cinco ficamos em silêncio.

— Está congelando aqui, — Sam fala primeiro. Ela não está vestindo um suéter ou casaco sobre sua camiseta e leggings.

— Por favor, venham para dentro. Eu tenho chocolate no fogão e biscoitos no forno. Vocês podem se aquecer junto ao fogo. — Vovó passa a mão em volta do meu cotovelo. — Largue as malas no corredor e podemos resolver os arranjos para dormir mais tarde. Senhores, se não se importarem, podem fechar o portão. Caso contrário, teremos todos os tipos de gentalha batendo na porta tentando nos vender aspiradores de pó e salvação eterna.

Eu olho para Andrew enquanto ela me leva embora. Nós não discutimos o compartilhamento de um quarto. Nós nunca passamos a noite juntos. Ainda. Embora, meu quarto aqui tenha duas camas de solteiro muito barulhentas.

Um calor de constrangimento rasteja pelo meu pescoço. Eu dou uma espiada em Andrew e ele está sussurrando baixinho para Tate junto aos carros. Sam está bem atrás de mim e esfrega seus braços nus.

— Por que você não vestiu um suéter? — Eu pergunto a ela.

— Os dormitórios são superaquecidos e eu não queria ficar suada no carro. Eu imaginei que iríamos do dormitório para o carro e para casa.

Nós entramos pela porta da frente. A casa de vovó é um clássico casarão colonial. As escadas para a o segundo andar ficam do lado direito da entrada, e as quatro salas do térreo se ramificam para a esquerda e para a direita, em perfeita simetria.

Na parte de trás da casa, uma ampliação contém a cozinha e uma grande sala de família com sua enorme lareira de tijolos.

Sam vai direto para o calor do fogo. Com um suspiro, ela se senta na pequena banqueta que vovó mantém ao lado da lareira.

Alguns minutos depois, Andrew e Tate se juntam a nós. Ambos têm expressões confusas e, quando começo a perguntar a Andrew o motivo, ele me interrompe. — Mais tarde.

Vovó se ocupa na cozinha, coloca chocolate em canecas e arruma biscoitos num prato grande. — Madison, venha me ajudar a levar isso para a mesa.

Eu me junto a ela na cozinha simples. Ao longo dos anos, os armários foram pintados de verde, amarelo, azul claro e branco. Panelas de cobre pendem de uma cremalheira sobre o fogão industrial. A tábua de carne sobre a bancada está batida e marcada por anos de uso. Na frente da pia, o acabamento no piso de madeira está desgastado, expondo a madeira nua. É a cozinha de uma cozinheira e um dos meus lugares favoritos do planeta.

— Sra. Bradbury, esses cheiram maravilhosamente. — Andrew caminha ao meu lado e rouba um biscoito da bandeja. Fechando os olhos, ele geme enquanto mastiga a delícia de chocolate pegajosa.

— Chocolate é o seu favorito, — eu explico.

— De alguma forma eu sabia disso, — diz vovó com um sorriso cheio de dentes.

Andrew inala outro biscoito e um pedaço de chocolate derretido se agarra ao canto da boca. Eu levanto a minha mão e tiro-

o com o dedo indicador. Sem pensar, eu chupo a ponta do meu dedo na minha boca, saboreando a doçura.

Os olhos de Andrew se arregalam enquanto ele me encara.

— O quê? — Eu pergunto inocentemente.

— Eu diria para vocês dois arranjarem um quarto, mas sua avó poderia me ouvir. — Sam bate meu quadril quando ela pega uma caneca de chocolate.

Tate dá uma risadinha do outro lado da grande ilha.

Meu olhar salta entre o rosto surpreso, mas divertido de Andrew, e as costas de minha avó, que está na pia, cantarolando alto.

— O que? — Eu repito, genuinamente confusa agora.

— Nada. — A voz de Andrew está tensa.

Eu olho para Sam por uma explicação ou ajuda, mas ela só dá de ombros. — Você claramente ama chocolate também.

Mais confusa, eu repasso os últimos minutos. Não é como se eu realmente tivesse lambido o rosto de Andrew. Eu me lembraria disso. Provavelmente pelo resto da minha vida.

Eu peguei uma caneca e um biscoito, então me acomodei no canto do longo sofá de quatro lugares de frente para o fogo.

Em vez de se juntar a mim, Andrew fica congelado no balcão. — Eu vou ligar para minha mãe. Deixá-la saber que chegamos em segurança.

Ele gesticula para as portas francesas que levam para a varanda da cozinha antes de sair.

Sam se junta a mim na extremidade do sofá e bebe da caneca dela

— Sou eu, ou os caras estão agindo de forma estranha? — Eu pergunto a ela.

Ela se mexe, enfiando os pés com meias sob as pernas. — Não que eu tenha notado. Tate está sempre meio quieto e é falador comparado a Andrew em um dia normal.

Tomando meu chocolate, tento afastar meu nervosismo. Eu nunca trouxe um cara pra casa da faculdade antes. Deve ser isso que está causando o meu desconforto.

# Capítulo Quatro

Flocos de neve mancham a camisa de Andrew e seu cabelo escuro quando ele finalmente volta para dentro depois de dez minutos.

— Tudo bem? — Eu pergunto.

— Está nevando, — ele responde, limpando a umidade de seus cabelos e ombros.

O clima não é a resposta que estou esperando.

— Eu amo uma neve fresca de solstício. — Vovó espreita pela janela em frente a pia. A luz da cozinha ilumina os pequenos flocos de neve. — Cresçam, pequeninos, cubram o chão com seu branco e tragam o deleite do feriado.

Eu juro que a neve gira em resposta quando flocos gordos aparecem.

Os olhos de Andrew se arregalam, mas ele substitui seu choque com sua expressão calma normal em um piscar de olhos.

— Você pode fazer anjos de neve se tiver profundidade o suficiente. Madison, você amava fazê-los quando era criança. O gramado inteiro ficava coberto de sombras de anjos. — A voz de vovó se suaviza com a memória do eu mais jovem há muito tempo atrás.

— Eu adoraria ver isso, — diz Andrew, parando ao meu lado no balcão.

— Você vai estar bem ao meu lado fazendo o seu próprio, senhor. — De alguma forma eu não posso imaginar Andrew fazendo algo tão bobo quanto anjos de neve. Pensando bem, coisas estranhas têm acontecido.

Tate entra na sala e percebo que nunca o vi se afastar. Mais uma vez, ele e Andrew têm uma conversa silenciosa com os olhos. Eu estou começando a me perguntar se eles podem ler as mentes um do outro.

— Sra. Bradbury? — Tate diz.

— Celeste.

— Celeste, — continua Tate, — se não for indiscrição, qual era o seu nome de solteira?

Os olhos de vovó brilham de surpresa, mas ela responde: — Corey.

O arfar de Sam do outro lado da sala é audível. — Como Giles Corey[7]?

Vovó assente, mas mantém os olhos em Andrew. — Imagine ser pressionado até a morte por um período de vários dias, tendo pedras pesadas sobre seu corpo. Pelo menos o enforcamento acaba em segundos.

Os dois olham um para o outro, e parece que ela está quase desafiando-os a imaginar formas horríveis de morrer.

[7] Giles Corey foi um dos executados em Salem sob acusação de bruxaria.

— Como eu não sabia disso? — Sam se levanta do sofá e se junta ao grupo no balcão. — Você tem bruxas de Salem em ambos os lados da sua família, Madison. Quantas pessoas podem dizer isso?

— Nós nunca falamos sobre isso, — eu digo.

— Nenhum ponto em desenterrar velhas histórias. Deixe os ossos dos mortos voltarem para a terra. — Vovó se ocupa empilhando biscoitos em um suporte de bolo de vidro.

— Viu? — Pergunto retoricamente.

— Está claro de onde você arranja sua reticência, — observa Andrew.

— O Halloween foi há quase dois meses atrás. Se vamos falar sobre seres mágicos, vamos nos concentrar no Papai Noel. — Vovó coloca a cúpula de vidro sobre os biscoitos.

— Taciturna é uma boa palavra também, — diz Andrew, apenas para eu ouvir.

— Persistente, — eu ecoo sua provocação.

— Ao contrário das bruxas e da magia, todos concordamos que o Papai Noel não existe de verdade, — diz Sam.

— Essa coisa de ficar em pé está fazendo meus tornozelos incharem, — declara vovó. — Se vamos conversar sobre bobagens, vamos nos sentar e ficar à vontade.

Seus tornozelos nunca incharam que eu saiba. Eu acho que ela está tentando desviar o assunto. Depois de tirar o avental e pendurá-lo no gancho da despensa, vovó senta na poltrona de veludo vermelho à esquerda da lareira.

Nós chamamos de seu trono. Nunca ela pareceu uma rainha mais do que neste momento, com o fogo lançando luz dourada em seu rosto.

— Diga-me como é ser um bruxo, Andrew. — Vovó salta sobre o fingimento diretamente na delicada questão de sua magia.

Ao lado de Tate, no outro sofá, Sam engasga e pulveriza o chocolate no suéter enquanto tosse e ri.

Andrew e eu olhamos um para o outro. Deslizando a mão sobre a minha, ele me dá um aperto.

Tate entrega a Sam um guardanapo de pano da bandeja de lanches. Ninguém fala enquanto ela limpa o chocolate e se recompõe.

— Celeste, você é hilária. Sua mãe pode ser wiccana, mas isso não significa que Andrew é um bruxo. — Sam explica alegremente. — Não há transferência de poder através das linhagens. Se alguém vai ser chamada de bruxa, provavelmente deveria ser eu. Que venho estudando.

Os preocupados olhos azuis de vovó encontram os meus. — Madison?

Eu definitivamente sinto que estou em apuros. Incerta se devo contar tudo para minha avó primeiro ou continuar a proteger Sam, permaneço quieta.

— Sam está cem por cento correta. — Andrew se desloca ao meu lado e libera a minha mão.

Com os cotovelos nos joelhos, ele gira o corpo diretamente para encarar Sam. — E errada.

Ela estreita os olhos para ele. — Qual parte?

— Bruxo, — eu digo.

— Isso foi o que eu falei, — diz Sam.

— Aparentemente, não estamos todos na mesma página ou nem sequer no mesmo livro, — Vovó fala. — Samantha, querida, parece que seus amigos têm mantido um segredo de você. Normalmente, eu não me inseriria no drama da juventude, mas parece que a decisão não é minha. O tempo está pressionando.

Os olhos de Sam crescem tão grandes quanto o prato na bandeja. — Madison não acredita em magia. Em absoluto.

Eu corrijo-a, — Não acreditava.

Ela projeta o queixo. — Desde quando?

— Samantha querida, quanto menos você souber, melhor. — Vovó a descarta.

— Não, não, não. Madison? — Sam se endireita. — Do que ela está falando?

Andrew abre a boca para falar, mas eu corro para colocar as palavras à sua frente. — Eu não queria que você descobrisse dessa maneira. Eu deveria ter dito logo depois do Halloween, mas não consegui.

— Dizer-me o que? — A voz de Sam é apenas um rangido e manchas vermelhas pontuam seu rosto. Do outro lado da mesa, o

peito dela sobe e desce com a respiração rápida. Ela está prestes a hiperventilar.

— Não enlouqueça completamente. — Eu mantenho minha voz calma e suave como se estivesse falando com um gato nervoso. Eu me sinto mal por mentir para minha melhor amiga.

— Tarde demais, — ela sussurra, seu olhar saltando entre nós quatro. — Todo mundo sabe, menos eu?

Eu estudo o rosto familiar da minha avó. Ela assente.

Com um tom suave, mas firme, ela explica: — Samantha, a magia existe. Os feitiços, maldições e ervas são a superfície, mas há mais. Muito mais.

Andrew fala quando ela termina. — Você estava certa sobre as famílias.

— Pelo menos os Wildes, — acrescento para esclarecimento, ganhando uma expressão de surpresa de vovó.

As lágrimas se acumulam ao longo das pálpebras inferiores de Sam. — E vocês todos sabiam disso, menos eu? Eu sou a única que estuda magia há anos e você não pensou em me contar?

— É complicado, — Tate responde pelo grupo. Franzindo a testa, ele se inclina contra o braço oposto do sofá e estende suas longas pernas, descansando a ponta de um sapato na beira da mesa de café de madeira. Quando vovó franze o cenho para ele, ele deixa cair o pé com um suave — Desculpe.

— Entre Harry Potter e *Magia Prática*, do que estamos falando? — Sam pergunta, sua voz hesitante.

— Magia existe em um nível totalmente diferente do que nós já sabíamos, — eu digo baixinho.

Andrew sugestivamente encara a minha avó. — Exceto por aqui.

Minha testa se enruga em confusão. — O que isso significa?

— Eu não tenho certeza. — Andrew se levanta. Ele anda ao redor da parte de trás dos sofás para a lareira, onde ele atiça o fogo e adiciona outra lenha. — Mas nem Tate nem eu podemos sentir nossos poderes habituais desde que chegamos.

— Poderes? — Sam pergunta, dando-lhe um olhar de soslaio.

— Isso não é interessante? — Vovó força uma expressão inocente em seu rosto, toda olhos arregalados e voz suave.

— Desembuche, vovó. — Eu pareço uma mãe falando com uma criança culpada com chocolate no rosto e uma história sobre como alguém comeu a panela inteira de brownies. Depois de tudo, minha avó fazendo magia não parece me perturbar. Eu olho para Tate, que não encontra meu olhar. Ele precisa concentrar sua energia calma em Sam, não em mim.

— Proteção. — vovó direciona sua resposta para Andrew.

— A favor ou contra? — Pergunta Tate.

— Alguém vai ter piedade da nova garota nessa sociedade secreta? — Sam está passando do choque e tristeza para raiva.

— Podemos explicar mais detalhes depois, — eu a consolo. — O que você precisa saber agora é que Sarah é a bruxa mais poderosa

de Salem, o pai de Andrew o enfeitiçou para impedi-lo de encontrar o amor, e Tate é um empata em sobrecarga.

— Oh. — Seus olhos se apagam. E estamos de volta ao choque.

— E Andrew pode começar fogo com as mãos, — acrescento, porque é legal. — Entre outras coisas.

— OK, claro. Isso tudo é perfeitamente normal pra alho[8]. — Sam nunca xinga, então eu interpreto a palavra na minha cabeça por outra.

— Para alguns de nós, é, — diz Andrew.

— Oh, calça congelada. Eu sou a Trouxa[9], não sou? — As lágrimas de decepção de Sam caem pelas suas bochechas.

— Eu também não tenho magia. Nem vovó tem. — Olho para minha avó, que vira a cabeça para evitar meus olhos. — Certo, vovó?

— Nada de bom vem da magia, — diz ela. — Melhor ser ignorante do que convidar o mal para a mesa de jantar.

— Nem toda a magia é negra ou negativa, — Andrew fala de seu lugar oposto a ela.

— Diga isso a Giles Corey, que foi pressionado até a morte. Ou sua esposa, Martha, que foi enforcada. — Vovó usa sua voz severa de professora. — Preso em uma rede de pânico e ódio.

— Lamentável, mas eles viveram vidas longas e produtivas, não é? — Tate se senta.

A expressão de Vovó no comentário poderia azedar pepinos.

---

[8] Sam não costuma falar palavrão então ao invés de “fucking” ela diz “fizzing”.
[9] Trouxa na série Harry Potter é um humano incapaz de fazer magia.

— Hum, — eu falo, mas não tenho ideia do que dizer em seguida.

— Só uma coisa boa resultou dos Corey sendo enredados na histeria, — continua vovó, sem responder a Tate. — Seus filhos tiveram o bom senso de dar o fora de Salem e se mudar para esta área para construir uma casa e limpar a terra para uma fazenda.

— Os descendentes dos Corey? Eu pensei que esta era a fazenda dos Bradbury. — Andrew coça a bochecha, deixando para trás uma trilha cheia de fuligens das cinzas do atiçador.

— Não, meu marido veio morar com minha família depois que nos casamos. Nós somos da geração que uma mulher leva o nome do marido dela, então eu posso entender sua confusão. Pergunte aos moradores locais sobre a fazenda Corey e você terá um olhar vazio, mas esta é a terra da minha família.

— Bem, isso é tudo muito interessante, mas a pergunta que eu quero respondida é se Madison é uma bruxa. — Sam retorna à sua obsessão. Ela é uma gata com uma luz laser no chão.

— Você quer dizer tanto: 'eu te disse', — eu murmuro.

Ela cantarola enquanto estuda meu rosto. — Algo sobre você é diferente. Talvez eu tenha uma intuição sobre magia, mesmo que não tenha meus próprios poderes.

— Estou com Sam, — diz Andrew ao meu lado.

— Eu também, — Tate concorda.

— Traidores, — eu resmungo. — Se as palavras são feitiços e eu sou uma bruxa, todos vocês deveriam ter medo dos pensamentos que não estou compartilhando agora.

Meus amigos riem à minha custa. Todos eles. Menos vovó.

— Eu acho que este é um tópico para a luz brilhante da manhã. — Ela bate nos braços acolchoados de sua cadeira. — Em vez de toda essa conversa de bruxas e magia, devemos jogar cartas ou algo assim antes do jantar. Eu não estou fazendo nada extravagante. Queijo grelhado e sopa caseira com os últimos tomates da estação.

— Sempre meu favorito, — eu digo, me levantando. — Obrigada.

Na minha cabeça, estou agradecida por ela ter mudado de assunto. Faz meu coração doer vendo a dor nos olhos de Sam. Eu traí minha melhor amiga.

— É tradição. Agora, se você não se importa, leve Andrew para o porão e pegue alguns potes. Meus joelhos odeiam aqueles degraus estreitos. — Vovó não deixa espaço para discussões, esfregando suas perfeitamente boas rótulas para enfatizar sua história.

Eu sempre odiei o porão aqui.

Quando criança, recusei-me a descer depois que um dos gatos fechou a porta no topo das escadas atrás de mim. As pequenas janelas apenas permitem luz suficiente para delinear os monstros e fantasmas que espreitam nos cantos. Munido de duas lâmpadas nuas que estendem as sombras em vez de afastá-las, o porão é o ambiente mais assustador da casa.

Comparado ao sótão, também conhecido como o quarto onde bonecos perturbadores vão para morrer.

Por sorte, nada de importante como sopa de tomate é guardada lá em cima, e posso fingir que não existe.

Um arrepio passa por mim quando abro a porta do porão e clico o interruptor antigo para acender as lâmpadas. Quando inalo, o ar úmido e mofado enche minhas narinas. Eu me pergunto se ainda posso segurar a respiração por tempo suficiente para buscar a sopa.

Em contraste com o frio que surge da escuridão, o calor do corpo de Andrew parece quente contra as minhas costas.

— É tão assustador quando você chega lá? — Ele pergunta suavemente perto da minha orelha.

— Mais ainda. Quando eu era mais jovem, eu segurava a respiração, corria até o freezer horizontal e subia as escadas antes de expirar. Tudo isso enquanto tentava não tocar em nada e saltava pelo chão áspero como se fosse lava.

— Então ela manda você aqui para desafiá-la. — Sua voz contém admiração e um toque de nervosismo.

— Definitivamente. Ela mantém os picolés e o sorvete aqui de propósito. — A madeira velha range quando eu dou o terceiro passo. O mesmo de sempre. — Nada a temer, mas o medo em si.

Felizmente, nada corre ou desliza nas sombras quando nossos pés chegam ao chão. Não que eu olhe atentamente. Atravesso a pequena sala com o teto baixo o mais rápido possível.

As prateleiras arqueadas cobrem a parede oposta, cada uma lutando para suportar o peso de todos os potes de vidro. Algumas guardam pêssegos fatiados e compotas de framboesa em litros. Garrafas maiores de feijões, tomates, picles e aspargos descansam nas prateleiras inferiores. Sopas e molhos ocupam o topo da vitrine.

Aproximando-me, examino as etiquetas. Na escuridão, é difícil diferenciar as cores ou ler a escrita irregular de vovó.

— Este é o porão original? — Andrew bate os pés no chão de terra batida com a bota.

— Eu nunca perguntei, mas a sujeira e pedras diriam que sim, — eu respondo sem encará-lo. — Minestrone, feijão branco, cenoura… não tenho certeza se ela ainda tem tomate. Isso pode ser um truque. Por que nos mandaria buscar sopa se ela sabe que não tem? Sopa de cenoura sequer existe? — Eu examino as letras, tentando transformar a palavra em tomate.

Braços quentes envolvem minha cintura. Sua voz é baixa e incrivelmente sexy quando ele murmura contra o meu cabelo, — Ou talvez ela soubesse o quanto eu queria ficar sozinho com você.

O cheiro de Andrew me envolve quando ele coloca beijos suaves no meu pescoço. Ao contato, eu me recosto para me impedir de virar geleia.

Entre beijos, ele continua: — Eu não conheço bem as mulheres, mas você é mais do que capaz de carregar alguns frascos.

— Hmm, — eu cantarolava com prazer enquanto suas mãos lentamente me viravam para encará-lo.

— Provavelmente o lugar menos romântico que se possa imaginar, mas eu estou morrendo de vontade de beijar você agora. — Mesmo na escuridão, seus olhos cristalinos são visíveis o suficiente para eu ver seu desejo. Sua língua espreita e lambe o farto lábio inferior.

Colocando minhas mãos na lã macia de seu suéter, arqueio para pressionar minha boca contra a dele. Com os olhos fechados, esqueço o porão ao nosso redor por enquanto e me perco em Andrew. A faísca entre nós, que sempre sinto quando nos beijamos ou nos tocamos, aumenta. Com cada emaranhado de nossas línguas e pressão de lábios, eu imagino-o iluminando a sala com uma bela luz azul suave como uma boa fada em um desenho animado.

Curiosa, abro os olhos e engasgo.

# Capítulo Cinco

Andrew e eu ainda estamos no porão assustador da minha avó, mas a sala parece diferente.

Nós somos os mesmos. Basicamente.

A luz azul que imaginei em minha cabeça enche a pequena sala com um brilho suave. Se eu não soubesse o que procurar, poderia facilmente atribuí-la ao pó na penumbra.

Essa não foi a única coisa que mudou.

Lentamente, eu desloco meu olhar pelas paredes da sala. Contornos fracos de prateleiras agora se alinham no resto das paredes. Sobre a colheita do jardim da minha avó estão os fantasmas dos potes passados. Acima de nós, ervas e flores secas revestem as vigas em feixes de tamanhos variados. Cada superfície é coberta com camadas desconhecidas de objetos.

Eu pisco, na esperança de limpar as imagens estranhas da minha visão.

— O que você vê? — Andrew pergunta, sua voz quase um sussurro.

Estamos sozinhos aqui embaixo, mas eu respondo com o mesmo tom baixo: — Não tenho certeza.

— Descreva, — ele ordena baixinho. — Tente.

— O ar está em um tom azulado e posso ver os contornos de coisas que podem ter estado uma vez nesta sala, mas não estão agora.

— Como o quê? — Ele olha atrás de mim.

— Ervas seca e jarros agrupados contendo líquidos e mais coisas secas. Se eu piscar, vejo os recipientes de sopa e doces.

— Mais alguma coisa? — Seus dedos levemente roçam meus braços, enviando calor e arrepios se espalhando pelo meu corpo.

Eu me afasto dele e me viro em círculo, estudando todo o espaço. — O chão de terra é o mesmo, mas há uma pequena mesa de madeira e um banco de três pernas no canto que eu nunca vi aqui antes.

Passos na cozinha bate através do chão acima de nós. Devem ser as botas pesadas do Tate. Partículas de poeira caem do teto.

— Olhe para cima. — Andrew aponta para o teto.

Grãos de terra caem no meu rosto e nos meus cílios quando inclino a cabeça para trás.

Piscando algumas vezes, tento desfocar meus olhos. — Vigas.

No canto, algo creme entre a viga e a pedra da fundação me chama a atenção. — O que é isso?

Andrew segue meu dedo até a viga. — Eu não vejo nada.

— Parece que há um pedaço de papel enfiado no espaço entre a viga e a tábua do piso acima.

— Mostre-me. — Ele pressiona suavemente a parte inferior das minhas costas, incentivando-me a andar.

Eu atravesso a sala e levanto minha mão, tocando a viga muito real. Quando tento pegar o papel, meus dedos tocam os fios pegajosos de uma teia de aranha.

Meus olhos se concentram no espaço vazio. — O que quer que tenha estado lá, já se foi.

Andrew para ao meu lado. — Alguma coisa se destaca? Ou parece mais brilhante?

— As ervas e a mesa estão mais claras, se isso faz sentido. E o papel parecia brilhar mais, mas não sei se é porque é branco contra o marrom.

— Você vê mais alguma coisa? — Com a sua altura, ele pode com mais facilidade procurar no teto por segredos escondidos.

Suavizando meu foco, deixo meu olhar vagar novamente. — E quanto ao pequeno livro de couro à direita dos seus dedos? Tem uma capa preta presa por tiras de couro. Do tamanho da sua mão.

Ele desliza a palma da mão ao longo da madeira bruta. — Nada lá.

Eu pisco e o livro desaparece. — Sumiu.

Limpando a poeira na manga, ele afirma: — Teremos que perguntar à sua avó. Se ela usa essa sala para armazenamento, saberá se alguma coisa estiver faltando.

— Se você não percebeu, ela fica enigmática se você tentar pressionar por informações.

— Foi por isso que liguei para minha mãe. Assim que chegamos, meus poderes se desvaneceram. Saí e abri o portão para testar a teoria.

— E?

— Uma vez que passei pelo muro de pedra, eles voltaram como sangue para um membro dormente. Atravessando o portão de volta. Nada.

— Você tem certeza?

Ele assente, solene. — Alguém ou alguma coisa está protegendo a fazenda da sua família da magia.

— Por quê?

— Foi por isso que liguei para Sarah.

— O que sua mãe disse? — Minha mente não pode processar isso.

— Ela está a caminho. — Seus lábios se curvam em um sorriso tímido. — Espero que esteja tudo bem.

Este não é o fim de semana que planejei. Estou aliviada e um pouco desapontada. — Quanto mais melhor.

— Bom. Ela estará aqui para o jantar. — Ele suaviza a surpresa com outro beijo doce.

Se alguém pode nos ajudar a descobrir o que está acontecendo, é a bruxa mais poderosa de Salem.

* * *

Tate e Sam estão fingindo jogar cartas na mesa redonda da cozinha enquanto Vovó se agita com alguns pratos na pia. Tudo está completamente normal. Nenhuma neblina azul, nem visões do passado. As luzes suaves e o fogo quente tornam a sala tão aconchegante e confortável como nunca.

Precisando sentar-me enquanto processo o que aconteceu no porão, puxo um banquinho de madeira do balcão e me empoleiro nele.

— Deixe-me fazer isso para você, Sra. Bra... Celeste. — Andrew corrige seu erro e dá um sorriso caloroso para minha avó.

Ela se afasta e sorri para mim. — Seu avô gostava de lavar a louça, sabe. Sinal de um bom homem.

— Por que você demorou tanto tempo no porão? — Sam pergunta com um sorriso. — Você está coberta de poeira. Isso é uma teia de aranha no seu cabelo?

Teia de aranha é igual a aranhas.

Eu freneticamente passo as mãos sobre a minha cabeça, descobrindo os grumos pegajosos.

— É apenas poeira. — Andrew me tranquiliza.

— Amassos no porão? Não consigo pensar em um lugar menos romântico. — Vovó balança a cabeça e faz som de reprovação. — No meu tempo, dávamos um passeio. Ou nos esgueirávamos para o celeiro.

— Obrigado pelo conselho, — diz Tate, rindo.

Os olhos de Sam se arregalam e ela segura um sorriso enquanto suas bochechas esquentam. Ainda bem que minha melhor amiga compartilha meu estado atual de constrangimento.

Meus olhos saltam para Tate, que parece muito divertido. Quando ele olha para mim, minha boca se curva com um sorriso.

— Pare, — eu digo a ele.

Pressionando os lábios, ele levanta as sobrancelhas com falsa inocência.

Uma batida forte na porta da frente, seguida por uma rajada de vento frio que faz a dança do fogo assustar a todos nós.

— Olá? — A voz familiar de Sarah chama na frente da casa.

— Quem está aqui? Alguém deixou o portão aberto? — Vovó aperta a faca que está usando para cortar o queijo um pouco mais.

Andrew se vira para cumprimentar sua mãe depois de desligar a torneira. — Estamos aqui atrás.

— Andrew deixou aberto para sua mãe depois que ligou para ela, — eu explico para a minha avó.

Com um suspiro pesado, seu aperto na faca diminui e ela coloca-a sobre a tábua de madeira. — E assim começa.

Ninguém mais ouve suas palavras, e antes que eu possa perguntar o que ela quer dizer, Sarah entra na sala.

Seus olhos brilhantes, idênticos aos de Andrew, se enrugam nos cantos quando ela sorri. O coque que ela costuma usar se foi e seu cabelo escuro solto cobre os ombros, fazendo-a parecer mais jovem e mais inocente do que o habitual.

— Desculpe pela inesperada chegada tardia, mas a neve começou a aderir e as estradas estão escorregadias. Eu não queria esperar até de manhã. O inverno começa oficialmente amanhã, você pensaria que a Mãe Natureza seria mais paciente, — Sarah continua

enquanto tira o casaco e o coloca sobre o sofá perto do fogo para secar.

Eu olho para Andrew.

— Você deve ser Sarah Wildes, — diz vovó, dando um passo ao meu redor e estendendo a mão. — Eu sempre quis conhecer você.

— Sempre? — Eu pergunto, confusa.

Sarah esfrega as mãos nos braços para aquecê-las antes de agarrar suavemente as duas mãos de vovó com as dela. — O prazer é todo meu. Conhecer os descendentes dos Corey é um sonho. Madison se apresentou como uma Bradbury, então eu não sabia da conexão até hoje.

Eu assisto a troca delas enquanto tento processar sua calorosa saudação e sua mútua fascinação. Até onde eu sei, vovó nunca esteve perto de Salem, e eu duvido que Sarah passe seu tempo livre dirigindo por estradas secundárias e parando em fazendas antigas aleatórias que nem são visíveis através da floresta.

— Vocês duas sabem uma da outra? — Eu interrompo a conversa.

Sarah espera que minha avó responda.

— Eu tenho um interesse em história. — A resposta e a voz de vovó são hesitantes.

— Oh, Celeste. O tempo está passando. Eu acho que ambas sabemos que o tempo de fingir acabou. — Sarah dá um tapinha no braço de vovó e depois cumprimenta Sam e Tate, que pararam de jogar para nos observar.

Como uma brisa tempestuosa, Sarah rodopia na cozinha, enchendo a chaleira elétrica e ligando-a. — Esses potes são de sopa de tomate? Minha favorita. Este ano, a generosidade do jardim me surpreendeu. Tanta abundância.

Sarah fala sobre vegetais enquanto vovó prepara uma grande panela de ferro esmaltada no fogão para aquecer a sopa. Sarah ajuda a abrir os frascos de vidro com a borda cega de uma faca de manteiga.

Sentindo-me oprimida, esfrego minhas têmporas com meus dedos indicadores.

— Como está sua cabeça? — Sarah me pergunta, colocando uma xícara de chá quente com cheiro de menta na minha frente. — Andrew mencionou que você teve uma dor de cabeça depois que meu desagradável ex apareceu na outra noite. Ela voltou?

— Surpreendentemente, eu não tenho pensado sobre a minha dor de cabeça desde que chegamos à fazenda. — Eu mentalmente fuço a minha cabeça para ver se ainda dói. — Parece bem agora.

Ela pressiona a mão contra o meu braço por alguns segundos. — Eu tenho um pressentimento muito bom de que tudo ficará melhor em breve.

Andrew passa a mão pelo meu braço. — Você mentiu para minha mãe? Ou sua dor de cabeça sumiu?

— Meu cérebro parece um pouco machucado, como se eu tivesse uma dor de cabeça de ressaca, mas por outro lado, estou bem. Exceto. Você sabe.

Sarah se vira da mesa, o rosto cheio de preocupação. — O que aconteceu?

— Eu vi algo no porão. Objetos que não estavam lá. E uma névoa azul.

O vidro quebrando no chão de madeira ecoa no silêncio da minha declaração.

A inalação de vovó é audível. — Impossível.

Tate e Sam saltam de suas cadeiras para ajudar na limpeza.

— Você está ferida? — Movendo-me para sair do banco, eu coloco um pé no chão, pronta para ajudar.

— Eu estou bem. — A voz de vovó treme. — Eu sou uma velha tola com dedos escorregadios.

Sua linguagem e palavras tentam nos tranquilizar, mas eu vejo um pânico correndo atrás dos olhos dela.

— Vovó? — Eu chamo, preocupação cobrindo a única palavra enquanto lágrimas queimam nos cantos dos meus olhos ante seu nervosismo repentino.

Ela sacode a cabeça. — Bem. Eu acho que não temos mais escolha. Nossa família fez de tudo para impedir que o passado machucasse alguém agora ou no futuro. A história não se repetirá. Não enquanto eu tiver uma palavra sobre o que acontece com minha família.

Sua coragem é evidente quando ela toma uma decisão. Com um rápido olhar para Sarah, vovó continua: — Parece que agora é a hora de compartilhar nossa história.

Sarah acena em apoio. — Tudo o que está acontecendo agora foi colocado em ação muito antes de qualquer um de nós.

Eu estudo o rosto de Andrew, depois Tate e, finalmente, pouso no de Sam.

— Você está tão perdida quanto eu estou? — Ela me pergunta. — Eu sinto que estou sonhando.

— Isso não é um sonho. Nem um pesadelo, não importa o que nossos inimigos desejem, — Sarah fala com calma autoridade. — Vamos comer e guardar as histórias assustadoras para o fogo.

Ninguém discute com ela. Sam mexe com a pilha de cartas. Vovó pede que Tate e Andrew tragam mais lenha do celeiro.

Quando eles saem e somos apenas mulheres na sala, Sam se aproxima de mim. Sarah e vovó fazem um prato cheio de sanduíches de queijo grelhado.

— Você está bem? — Eu pergunto a ela, descansando minha cabeça em seu ombro.

Sam acaricia meu cabelo e solta uma respiração irregular. — Nem um pouquinho, mas estou tentando manter a calma. Eu realmente não quero pirar na frente do Tate e ser a garota louca que não consegue lidar com a magia real. Além disso, acho que vi isso na minha leitura de tarô no mês passado. Eu não entendi na época porque não estava focada na pergunta certa.

Eu me endireito. — O que você viu?

— Você mudando. E alguém que é egoísta. E sombrio, duvidoso, talvez até perigoso. — A preocupação sacode sua voz. —

Sinto muito por não ter dito nada. Eu nunca tive uma leitura tão negativa antes. Eu quase decidi destruir o baralho. Em vez disso, salpiquei as cartas com sal para limpar a energia e deixei o baralho embrulhado em seda na minha penteadeira. Basicamente, eu os coloquei de castigo por serem maus.

— Mesmo se você me dissesse, eu não teria feito nada diferente. A fazenda da vovó é o lugar mais seguro que conheço.

# Capítulo Seis

Depois do jantar, Vovó arrasta os pés para sua cadeira com uma xícara de chá. — Eu suponho que nós adiamos isso tempo suficiente.

Tate e Sam terminam o último dos pratos. Eu os guardo enquanto Andrew atiça o fogo com mais madeira. Sarah se enrola como um gato no canto de um sofá. Apesar dessa cena doméstica, palavras não ditas engrossam o ar.

Uma vez que todos nos reunimos nos sofás, com Tate esticando as pernas na frente dele, recostado no chão, vovó limpa a garganta.

— Quando minha família se estabeleceu nessa terra, as lembranças dos julgamentos de Salem eram recentes. As pessoas ainda estavam vivas e se lembravam do pânico em primeira mão. Ou ouviram as histórias de seus pais da maneira como falamos sobre o onze de setembro, ou quando eu era mais jovem, o assassinato de Kennedy. Rumores eram abundantes e ninguém queria estar associado aos nomes daqueles que foram mortos. — Vovó bebe o chá antes de continuar.

— Entre os sem-magia, algumas bruxas reais foram apanhadas na teia da histeria. Vizinhos e amigos viraram-se uns contra os outros, ninguém escapou da suspeita de ser uma bruxa ou um conspirador. Então os filhos, netos e bisnetos Corey desapareceram. Eles se afastaram de Salem.

— Com sua pequena herança, eles compraram esta terra à beira do nada. Na época, a maioria das casas de fazenda era construída ao lado da estrada por conveniência. Colocar a casa no meio da floresta proporcionou uma camada visível de proteção.

Minha mente se agarra à necessidade dela de especificar o visível.

— E quanto ao que não podia ser visto? — Pergunto.

Os lábios de vovó ficam brancos quando ela os pressiona.

Sarah pousa a xícara na mesa de café. — Celeste, eles precisam saber. Eu sei que você queria protelar isso o maior tempo possível. Eu entendo a necessidade de proteger os nossos.

Vovó fecha os olhos. — A fazenda é encantada por antigos feitiços nas pedras que revestem a propriedade. Nenhuma nova magia foi criada aqui desde que a parede foi concluída.

Quando ela abre os olhos, as íris enchem-se de emoção. Amor. Medo. Arrependimento. Esperança. — Até hoje.

— Por quê? — Eu pergunto.

— Sobrevivência. Com o passar das gerações, o segredo foi esquecido. Os livros de história contaram sua versão do que aconteceu em Salem e substituíram as histórias dos primeiros antepassados. O tempo trouxe o esquecimento.

— Quero dizer, por que hoje?

Os olhos cansados de vovó deslocam-se para Sarah. — Talvez você saiba, Sarah?

— Os corpos dos executados foram apressadamente atirados em covas rasas e cobertos. Muitas famílias arriscaram mais acusações para recuperar seus parentes no meio da noite. Nenhum dos funcionários pensaria em perturbar os túmulos de uma bruxa por medo. Então ninguém verificou se os corpos continuavam enterrados lá. Eu acredito que a maioria foi reenterrado nas propriedades da família, — explica Sarah ao grupo. — Você sabe onde ficam os túmulos da família na fazenda?

Andrew e Tate seguram o olhar um do outro por um tempo longo demais. Eu me pergunto se a excursão de coleta de madeira deles era realmente uma missão de reconhecimento. Ambos estão estoicos sobre os túmulos de duas bruxas julgadas estarem bem aqui na fazenda.

Vovó acena uma vez. — Há um jazigo da família atrás do celeiro. Lembro-me da localização de quando ainda usava tranças.

Meus olhos procuram Andrew antes de eu me concentrar em vovó. — Onde?

— Por baixo das árvores de hortênsias.

Árvores gêmeas crescem atrás do celeiro, florescendo no outono, quando o resto das plantas está morrendo. Quando menina, eu fiz um forte entre aquelas árvores e passei dias brincando de faz-de-conta. O que significa que estive brincado e dançado sobre as sepulturas dos meus antepassados por toda a minha vida. Isso não é assustador. Em absoluto.

— São as sepulturas de Martha e Giles? — Eu pergunto, porque preciso que ela confirme que me deixou brincar em cima de pessoas mortas.

Vovó inclina o queixo em confirmação. — Felizmente, sem perturbações nos últimos anos do século XVII. Antes que essa versão da casa fosse construída sobre o porão original.

— Eu odeio o porão, — murmuro.

— É assombrado? — Sam pergunta, com os olhos cheios de apreensão.

— Não que eu saiba, — responde vovó, mas não parece convincente. — Madison, o que você viu lá embaixo?

Andrew aperta minha coxa em encorajamento enquanto tento explicar a neblina azul e ver os fantasmas de objetos antigos.

Sarah murmura enquanto falo, enrolando seus longos cabelos em um coque e puxando um pauzinho do bolso de seu suéter. Uma vez que seu cabelo está preso, ela olha para mim. — Eu sabia que seus poderes se relacionariam com a história. Você fez conexões entre as linhas puritanas da família e as mágicas tão facilmente, quando ninguém mais viu os padrões no início deste mês, quando estávamos tentando descobrir por que Andrew se transformou em um idiota ao seu redor.

Desde o Halloween e a maldição de Andrew, passei horas sentada com Sarah tentando colocar minha magia em prática depois de ter feito vinte e um no mês passado. Nunca conseguimos um sopro de magia.

— Madison é uma alma velha. Ela sempre se interessou por história, — diz vovó, completamente imperturbável.

— Por que você não me contou sobre as sepulturas?

— Você não precisava saber. Não antes, e tenho certeza de que vou me arrepender de ter contado a você agora. Você nunca vai olhar para mim ou para a fazenda da mesma maneira.

— Mamãe e papai sabem? — Meu coração dói quando percebo que ela está certa sobre a fazenda.

— Não. Eles são perfeitamente normais e felizes com o mundo como eles o conhecem.

— Às vezes a magia pode pular uma geração, — diz Sarah. — A menos que seja desencadeado, o poder pode permanecer dormente. Eu suspeito que foi o que aconteceu com os dois lados da sua família. Até você escolher ir para a faculdade em Salem.

Sam franze as sobrancelhas. — Foi algo que eu fiz? Sou eu quem sempre empurrou magia para você por causa de sua linhagem.

— Oh, querida, não. — Sarah a puxa para um meio abraço de seu lugar ao lado dela no sofá. — Eu vi Madison vindo para Salem muito antes que ela conhecesse você. Claro como o dia, ela apareceu na minha cabeça como a garota Bradbury de cabelos escuros. Você a levou até a loja pela primeira vez, mas seu encontro com Andrew era inevitável.

— Eu gostaria de pensar que a minha diabólica boa aparência e humor seco ajudaram um pouco a conquistar você. Destino ou não.

— Andrew inclina a cabeça mais perto da minha, então só eu posso ouvi-lo.

Tate bufa do outro sofá. — Diabólica? Sério?

Andrew estreita os olhos e depois suspira. — Maldita falta de magia. Eu não posso nem te bater com um travesseiro.

— Voltando a isso. — Sarah refoca o grupo com uma expressão severa atirada em seu filho. — Como poderia Madison ter uma visão se há uma cúpula com feitiço de proteção contra magia aqui?

— Talvez porque ela estava na antiga adega onde os últimos feitiços foram lançados, — vovó diz.

Os olhos de Sarah se arregalam. — Você viu um livro?

Eu assinto. — Escondido nas vigas, mas não está mais lá.

— Poderia ter sido um livro de feitiços? — Ela pergunta, mas mais para Andrew do que para mim.

— É possível. Ela disse que era encadernado em couro preto e amarrado com tiras. — Ele se desloca para ficar de pé. Cutucando o fogo, ele olha para a luz laranja bruxuleante.

Discordando, eu balanço minha cabeça. — Eu não acho que era um livro didático. Muito pequeno. Mais como um diário.

A mão de vovó treme e Sarah fica imóvel.

— A verdadeira história das famílias, — Sarah fala tão baixinho que mal ouvimos as palavras. — Eu só ouvi rumores disso. Ninguém no coven acredita que ainda exista.

— Pode não ser. Eu só vi que estava no porão no passado. Junto com um rolo de papel creme, a mesa e o banco.

Vovó aponta para a lareira. — Esse banco?

Eu estudo a madeira e conto as pernas. — Está mais desgastado, mas poderia ser.

— É. Apenas algumas heranças sobreviveram aos séculos, e essa é uma delas.

Andrew pega o banquinho e estuda o fundo. — Nenhuma marcação, mas é claramente feito à mão.

— Então, temos um banquinho, mas não o livro? — Sam pergunta. — Você sabe onde o livro poderia estar?

— Talvez, se passarmos mais tempo no porão, Madison possa fortalecer sua conexão com o livro. Pode nos dar mais informações. — Andrew senta no banco.

— Podemos esperar até a manhã? — Minha barriga gela com o pensamento de passar tempo lá tarde da noite.

— O solstício, — diz Sarah, — fortalecerá qualquer poder que você usou hoje cedo. Provavelmente é mais inteligente esperar.

— Eu não tenho certeza de quanto mais posso lidar hoje, — diz Sam com um suspiro exausto. — Eu preciso processar tudo.

Vovó cobre seu bocejo com as costas da mão. — Você pode organizar seus arranjos de dormir. Eu não sou tão antiquada a ponto de supor que as meninas vão dormir em um quarto e os meninos em outro.

Minhas bochechas esquentam. — Sam e eu vamos usar meu quarto. Como costumamos fazer. Eu acho que Sarah ficaria

confortável no quarto da frente com a cama queen size. Andrew e Tate, cada um pode escolher um dos quartos menores dos fundos.

Vovó se levanta e anda até mim. — Durma bem, doce. O mundo não é o mesmo de quando você acordou esta manhã, e isso mudará novamente com o novo amanhecer. Durma e lembre-se dos seus sonhos.

Eu me levanto para abraçá-la. — Nada vai mudar meu amor por você, vovó.

Ela me abraça mais forte antes de liberar seu domínio. Seu quarto está localizado no primeiro andar do antigo salão formal, logo abaixo do meu quarto. Sarah sai com vovó, as duas sussurrando enquanto caminham pelo corredor.

Encarando Andrew, dou-lhe um meio sorriso de desculpas. — Eu sei que ela basicamente nos deu sua bênção, mas... — Eu não termino a frase porque não sei o que dizer.

— Tudo bem, Madison. Se você não percebeu, sou antiquado. Eu adoraria nada mais do que envolvê-la em meus braços enquanto dormimos, tivemos um longo dia. É melhor assim. — Ele me dá o mais suave dos beijos que eu sinto se espalhar por minhas veias como mel quente.

Depois de mostrar aos caras os seus quartos, Sam e eu deitamos em nossas camas individuais. A minha range e guincha enquanto me reviro.

— Você poderia se esgueirar pelo corredor até o quarto de Andrew. Eu não contarei. — Sam encara o teto. — Minha mente está

agitada e duvido que consiga dormir a noite toda. Eu não quero te manter acordada.

Deslizo até sua cama e me aconchego ao lado dela. — Sinto muito por hoje. Eu não queria deixar você de fora.

— Eu tenho que admitir que estou enlouquecendo. Claro, sou toda sobre velas, ervas e o misticismo natural da Wicca, mas este é um outro mundo paralelo ao nosso. Em algum nível, eu sabia que algo era diferente com Sarah e Andrew. — Ela desloca a cabeça no travesseiro para me ver melhor. — E você.

— Você é muito inteligente.

— É uma intuição mais do que qualquer coisa. Tipo quando você sabe que um cara é um sapo por dentro, em vez de ser enganada por seu rosto bonito.

— Enganei-me uma vez.

— O que eu puder fazer, farei. Você é minha melhor amiga, Madison. Bruxa ou não, espero que saiba que sempre farei tudo o que puder por você.

Em resposta, dou-lhe um abraço horizontal desajeitado. — O mesmo. Te amo mais que xarope de abóbora.

Ela ri. — Te amo mais.

Nós nos revezamos usando o banheiro do corredor. Eu ignoro a estreita faixa de luz sob a porta de Andrew quando passo por ela. Uma vez que estou deitada na cama, o sono me cobre como um cobertor grosso, confortando e apagando o mundo.

# Capítulo Sete

Eu acordo com um calor pressionando minhas costas. A luz prateada do inverno lança sombras fracas na parede através das cortinas de renda. Eu pisco e tento limpar a minha cabeça. Meu quarto não tem cortinas de renda. Não tenho certeza se o que estou vendo é o presente ou o passado.

Algo se move atrás de mim e um grande peso cai ao redor da minha cintura, seguido por um gemido profundo e sonolento.

— Esta é uma agradável surpresa matinal, — a voz rouca de Andrew diz contra o meu cabelo.

Eu pulo da cama como se tivesse sido disparada de uma catapulta de abóbora. O impulso me joga do outro lado do quarto e eu pressiono minhas mãos contra a moldura da janela para me impedir de plantar o rosto no vidro.

Alguns centímetros de neve cobrem todas as superfícies, desde o teto do celeiro até os carros estacionados. Durante a noite, o mundo foi destituído de cor. A neve intacta se agarra às árvores e arbustos. Meus olhos exploram a paisagem até que algo escuro e fora de lugar me chama a atenção.

Perto da lateral do celeiro está a terra fresca, intocada pelo branco. Há um profundo sulco de terra lamacenta na superfície intocada, como sangue seco de um corte na pele de porcelana.

— Eu não queria assustar você, — a voz de Andrew vem da cama. — Mas em minha defesa, você se arrastou para a minha cama no meio da noite.

Minha respiração embaça o vidro e eu passo meus dedos através dele para clarear minha visão. — Eu tive um sonho e devo ter caminhado dormindo até aqui.

— Isso acontece com frequência? — Seus pés batem suavemente no tapete atrás de mim.

Quando me viro, ele está de pé com uma calça xadrez e uma camiseta preta amarrotada de Hawthorne.

— Não em anos. — Eu encaro a janela e estudo a mancha de terra na neve. — Eu sonhei com alguém cavando nabos e rutabagas[10] no jardim. Eles estavam roubando os legumes, jogando-os em um velho saco de estopa antes de içá-lo sobre o ombro como um Papai Noel roubando legumes.

— Esse é um sonho horrível. Quem iria querer roubar nabos? — Ele atravessa o quarto para ficar ao meu lado. Eu fico instantaneamente autoconsciente da minha camisola fina e falta de sutiã. E meu hálito matinal.

— Olha, — eu digo a ele. — Há algo cavado na horta de vovó. Eu provavelmente ouvi as criaturas. Tivemos uma infestação de guaxinim no celeiro há alguns anos.

O peito de Andrew se detém enquanto ele empurra todo o ar de seus pulmões. — Vista-se e me encontre na cozinha.

---

[10] O rutabaga, swede ou neep é um legume de raiz que se originou como um cruzamento entre o repolho e o nabo. As raízes são consumidas de várias maneiras, e as folhas podem ser comidas como vegetais de folhas.

Suas palavras saem apressadas quando ele me empurra sem muita gentileza para longe da janela.

— O que está acontecendo? — Eu paro na porta.

— Vá agora. Perguntas depois. — Ele praticamente fecha a porta na minha cara.

Eu corro pelo corredor e acordo Sam. — Algo está acontecendo e nós temos que descer as escadas agora.

Seu cabelo é um ninho e um fio loiro grosso fica preso em sua bochecha quando ela se senta. — O que? É madrugada. Muito cedo para drama, Madison.

Eu estou vestindo um suéter vermelho grosso sobre a minha cabeça quando ouço sua cama rangendo. Quando minha cabeça aparece, ela virou e se escondeu embaixo das cobertas.

— Vamos, — eu imploro quando eu troco o meu pijama por leggings. Correndo, eu me esqueço de tirar minhas meias e elas se projetam em torno dos meus tornozelos sob o tecido preto. — Encontre-me lá embaixo.

Paro no banheiro e passo o creme dental sobre os dentes antes de enxaguar o sabor de menta com água. Não há tempo para uma boa escovação.

As vozes vêm da cozinha quando chego ao primeiro andar. A porta de vovó está aberta e o quarto dela está vazio. Virando o canto para a sala grande, eu a encontro de pé na janela com Sarah e Andrew. Todos os três usando seus casacos, prontos para sair.

Tate bate em mim por trás.

— Você viu a sujeira? — Pergunta ele, parecendo ter descido correndo as escadas. Suas grossas mechas de cabelos retorcidos pairam ao redor de seus ombros.

— Madison, pegue seu casaco e botas. — A voz de vovó não deixa espaço para discussão.

Eu pego meu casaco e botas do vestíbulo junto com os sapatos de Sam.

Os passos de Sam descem lentamente as escadas. Eu empurro seus sapatos para ela. — Nos encontre do lado de fora.

Nosso pequeno grupo pisoteia através da neve na altura do tornozelo  em direção ao celeiro, em silêncio.

— Sem nabos, — eu sussurro quando vejo o retângulo profundo na terra. Uma pilha desordenada de terra flanqueia o buraco, e uma pá está encostada contra a fundação de pedra do celeiro.

— Quem fez isso não se importou em ser descoberto. — Andrew se aproxima da borda. — Nem se incomodou em encobrir.

— Isso é porque eles querem que saibamos o que eles têm. É uma ameaça.

Sam chega ao nosso semicírculo, sem fôlego e sem casaco. — O que está faltando?

— Ossos, — diz vovó, uma nuvem de ar gelado se formando enquanto ela exala. — De Giles ou Martha.

— O que alguém iria querer com ossos velhos? — Eu pergunto.

— Acredita-se que os ossos daqueles que morreram enforcados ou de outra morte violenta contêm traços mais fortes de espírito, ou essência da vida, — Sam recita essa informação da memória.

Minha boca se abre quando eu olho para ela.

— O quê? — Ela pergunta. — Eu estive curiosa sobre bruxaria por muito tempo.

Sarah pega um punhado de sujeira e fareja. — Os ossos humanos são usados apenas na prática de magia negra agora. Para a cura, é preferível um osso animal. Não há necessidade de roubar um túmulo, a menos que as razões sejam nefastas.

— Mas como eles passaram pelo feitiço de proteção? — A voz de vovó se esquiva enquanto ela examina a sepultura.

Andrew se levanta novamente. — Eu deixei o portão aberto para a minha mãe.

Minha própria respiração entala na minha garganta. — Alguém nos seguiu até aqui?

— Ou você liberou um pulso de magia quando teve sua visão no porão. Talvez você tenha causado um reflexo no feitiço de proteção. Uma bruxa poderosa espreitando por perto poderia ter pego a mudança. — Sarah aperta os olhos enquanto olha para a floresta escura.

Tate faz um círculo ao redor da área. — A energia não é familiar. Eu nunca vi quem fez isso.

Sarah tira a sujeira da mão sobre o túmulo. — Nós devemos localizar o livro que Madison viu no porão. Se estivermos contra

alguém usando magia de cadáveres, isso está fora mesmo dos meus poderes.

* * *

Eu temo o porão ainda mais, mas Andrew desce pisando duro às escadas atrás de mim. Os outros ficam na cozinha sob as instruções de Sarah. Queremos recriar os detalhes da minha primeira visão, tanto quanto possível.

— Vamos, precisar nos beijar, — diz Andrew. — Eu escovei meus dentes. Eu juro.

Eu não posso dizer o mesmo, e espero que a escovação com os dedos e o bochecho tenha funcionado.

Ele dá meio passo para mais perto, deixando apenas alguns centímetros entre nossos corpos. Inclinando minha cabeça para trás, eu olho em seus olhos.

— Lembra quando eu perguntei se você realmente queria se envolver com um bruxo? Eu te avisei que nada sobre mim era normal, — ele diz, suavemente e se desculpando.

— Tenho a sensação de que namorar comigo não será nada além de problemas, — peço desculpas.

— Tarde demais. — Seus lábios escuros se curvam com diversão. — Eu sou seu e você é minha. Nada que você possa fazer mudará minha opinião.

Ainda não dissemos a grande palavra com A, pelo menos não de maneira formal. Eu não quero pensar neste porão e em nosso

amor, então eu evito vocalizar o que estou sentindo. Em vez disso, eu puxo sua cabeça para a minha.

Seu beijo é quente e cheio de emoção quando ele assume o controle. Eu começo a me perder na sensação de nossos corpos se movendo por instinto. A escuridão e o frio desaparecem enquanto a luz azul ilumina a escuridão atrás das minhas pálpebras fechadas.

Minha ingestão aguda de ar interrompe o beijo.

Andrew se inclina para trás. — O que você vê?

Desta vez, as sombras do passado são mais claras, mais brilhantes. As prateleiras de vovó e os potes de comida desaparecem enquanto os objetos fantasmas tomam conta da minha visão. Eu ainda posso ver Andrew claramente.

Recuando alguns passos, eu me movo na direção do esconderijo do livro. Acima de mim, vejo a borda escura do couro saindo do topo da viga.

Novamente eu tento pegá-lo e não toco nada além de teias de aranha e poeira.

— Foco. Imagine o couro sob as pontas dos dedos. Qual a sensação? Quão pesado seria se você segurasse o livro na sua mão? — A voz de Andrew soa distante.

Eu sigo suas instruções e digo a mim mesma que o livro é real. Se eu acreditar que está realmente apoiado na viga, vou tocá-lo levantando meu braço. Está logo ali.

Meus dedos roçam madeira e poeira, depois paro quando sinto a superfície lisa do couro gasto.

Por um breve momento, estou tocando algo que não existe nesta época. Enquanto meu cérebro luta contra a impossibilidade do que minha mão está tocando, tenho outra visão. O livro não está mais aqui porque tem um novo esconderijo. Guardado e esquecido, esconde-se entre uma coleção de outros livros antigos. Sem qualquer ornamentação e ofuscado por volumes maiores, cobertos de decoração dourada, o livro que procuramos é simples e ignorado.

— Casa do Tate, — eu deixo escapar. A névoa azul e a visão desaparecem instantaneamente.

— Tem certeza? — Andrew pergunta, segurando minha mão suja. — A coleção Winthrop tem milhares. Vamos procurar uma agulha no palheiro proverbial.

— Se formos lá, talvez consiga ter outra visão e identificar sua localização. — Tento soar mais confiante em minhas novas habilidades do que sinto.

Apertando meus dedos firmemente em sua mão, Andrew sobe as escadas para a cozinha.

Sarah e Vovó sentam-se à mesa, sussurrando com as cabeças juntas. Sam bebe chá e Tate anda perto do fogo.

— Precisamos voltar para a sua casa de verão. — Andrew faz uma pausa no balcão. — Madison teve um vislumbre do livro em uma prateleira.

Tate faz uma pausa. — Por que estaria na coleção Winthrop?

— Como a fazenda Corey, sua casa está encantada, — Sarah responde.

— Está? Mas foi a primeira vez que vi Andrew fazer magia. Ele acendeu uma fogueira bem na minha frente, — eu digo em descrença.

— No Halloween, — explica Tate. — A magia só pode ser criada no terreno em certos dias. Halloween, os solstícios e equinócios, e alguns outros espalhados ao longo do ano. Caso contrário, nenhuma magia é permitida. Nem ninguém pode entrar sem ser convidado.

Lembro- me de seu estranho tom formal com o pai de Andrew. — Você convidou o Sr. Bradford para entrar na casa há dois dias.

— E eu o desconvidei quando ele foi embora.

— Você não é mais bem-vindo aqui, — eu repito as palavras que ele usou.

Ele concorda com a cabeça. — Exatamente.

— Eu pensei que isso só funcionava com vampiros, — diz Sam, pousando o chá e olhando para Tate.

— Eu não sou um sanguessuga. — Ele revira os olhos. — Não vamos nos deixar levar. Nem tenho um dragão de estimação. Ou conheço algum lobisomem.

Sam suspira com desapontamento.

— Se você está indo embora, eu preciso te dar algo antes de partir. — Vovó se levanta e cambaleia em seus pés. Dispensando a mão oferecida por Sarah, ela cuidadosamente dá a volta na mesa e caminha em direção à lareira. — Andrew e Tate, se vocês pudessem me ajudar a mover minha cadeira.

Os caras correm para levantar a pesada poltrona e colocam a poucos metros de distância. Vovó dá um passo atrás da cadeira e puxa um tijolo solto do lado esquerdo da lareira. Mesmo com o fogo crepitante, a lareira é grande o bastante para que as chamas não alcancem sua mão.

Uma vez que o tijolo foi removido, ela extrai um pedaço de papel creme de aparência familiar.

O que pensei que era um pergaminho é na verdade um envelope, dobrado e gasto pelo tempo.

— Eu pensei que tinha mais tempo e desculpe não poder explicar mais, mas você vai precisar disso para o que está por vir. Leve com você, mas não abra por curiosidade. O momento certo se apresentará e você saberá. Use-o com cuidado e não diga a ninguém que você o tem. — Ela tenta me dar um sorriso encorajador que não alcança seus olhos.

Minha mão treme quando pego o envelope dela. O peso não revela o conteúdo. Pode ser papel pesado ou um pequeno objeto. — E se eu não souber o que fazer? E se eu não estiver pronta?

Os tremores na minha voz traem meu nervosismo. Lágrimas ardem quando se formam em meus olhos.

— Você saberá. Confie em mim, mas mais importante, confie em si mesma. Certifique-se de que você é a única a encontrar o livro. Mantenha-o seguro. — Vovó me abraça. — Algum dia esta fazenda será sua. Não a qualquer momento, porque eu não planejo ir

a lugar nenhum, mas esse sempre será um lar para você. Lembre-se disso.

Lágrimas escorrem de seus olhos lacrimejantes. — Agora vá e deixe de perder tempo.

Sarah se junta a nós e me dá um abraço também. — Vou ficar para trás e garantir que os feitiços de proteção sejam restabelecidos. Não queremos mais convidados inesperados antes das férias.

Eu sorrio por sua tentativa de humor diante de uma ameaça desconhecida.

Virando-se para Andrew, ela o puxa para um abraço também. — Eu estarei lá assim que puder. Vou alertar o coven. Eles aparecerão em toda a sua glória vestidos de veludo, se você precisar deles.

Eu ri com o pensamento de um grupo de professores e bibliotecários de meia-idade com poderes mágicos vindo em nosso socorro.

Enfiando o envelope no bolso do casaco, começo a pensar em um lugar seguro para escondê-lo, se vovó quer isso fora da fazenda.

# Capítulo Oito

Minha cabeça pulsa com uma dor chata. Menos severa que a dor de cabeça da quinta-feira, esta é um eco. Quase como se alguém estivesse pressionando um ferimento ou tornozelo inchado. Repetidamente.

— A dor de cabeça voltou? — Andrew tira os olhos do espelho retrovisor para me verificar. Ele está tomando estradas secundárias aleatórias para Salem e olhando nos espelhos a maior parte do tempo para ter certeza de que não estamos sendo seguidos.

— Infelizmente, sim. — Eu pressiono meus dedos contra as minhas têmporas.

— Eu acho que alguém está tentando entrar em seus pensamentos. A primeira dor de cabeça começou quando você conheceu meu pai.

— Você acha que ele tem algo a ver com isso?

— Claro. Se há uma agitação maligna, Stanford provavelmente está envolvido.

O nome de Tate aparece no telefone de Andrew. Ele aperta aceitar e coloca a chamada no viva voz.

— Ei, — a voz de Tate enche o carro, — eu acho que você está sendo seguido.

Tate e Sam saíram alguns minutos depois de nós na esperança de seguir qualquer um que pudesse estar nos seguindo.

— Eu não estou cem por cento certo, mas há um Lexus sedan prateado que pegou o mesmo caminho que nós.

Andrew franze a testa. — Eu não o vi, mas há um Dunkin Donuts [11]por perto. Eu paro e espero.

Ele entra repentinamente no estacionamento e dá a volta no prédio para estacionar na parte dos fundos. Um minuto depois, um carro cinza passa por nós, mas não para.

— Avistei o carro. Encontre-nos aqui e nós voltaremos para a 495. Tomar a rodovia nos dará uma vantagem de tempo. — Andrew fala com autoridade antes de terminar a ligação e encarar-me. — Quer alguns donuts?

— Eu quero. — Estou envergonhada por quão animada eu pareço. — Mas agora é hora?

— Sempre é hora para Munchkins[12]. — Ele abre a porta do carro. — Eu já volto.

Sozinha pela primeira vez desde minhas visões, fico desconfortável enquanto examino o estacionamento por um carro prateado. As pessoas vêm e vão pondo em andamento uma manhã de sábado com seus cafés, saquinhos brancos, a cafeína normal do dia e os donuts. Eu costumava ser uma daquelas pessoas que achavam que a vida era simples. Comum.

Alívio corre através de mim quando o familiar carro azul de Sam estaciona ao meu lado. Ela acena do lado do motorista e me dá um polegar para cima.

---

[11] Dunkin 'Donuts, é uma cadeia de restaurantes de serviço rápido multinacional americana com sede em Canton, Massachusetts.

[12] Munchkins são doces fritos no estilo ‘bolinhos de chuva’ com coberturas variadas.

Como é possível que tenha sido ontem que estávamos em nossa viagem anual para a casa da fazenda para um final de semana maravilhosamente entediante e tranquilo?

* * *

Apenas alguns trechos de neve iluminam os terrenos escuros da mansão Winthrop enquanto os faróis do Audi descem a estrada. Nuvens filtram qualquer luz fraca do sol, deixando o começo da tarde sombrio e cinzento como o crepúsculo tardio. Janelas escuras nos cumprimentam.

— Parece mais imponente do que nunca. — Eu me estico para frente para olhar para a casa enquanto Andrew estaciona. Meus ombros caem derrotados. — Como vou encontrar um pequeno livro lá?

— Você vai precisar de sua visão extra. Quer começar do lado de fora para se orientar?

Os faróis de Sam brilham através da janela traseira, projetando o rosto de Andrew em ângulos agudos entre a luz e a escuridão.

— Eu acho, — eu relutantemente concordo.

Sua mão quente roça meu rosto antes que ele o substitua pelo calor de sua boca. Eu inclino minha cabeça, capturando seus lábios com os meus, secretamente esperando que beijá-lo seja a chave para o meu poder.

Enquanto nos beijamos, uma buzina de carro toca atrás de nós. Andrew me dá um beijinho antes de se afastar. Quando abro os olhos, uma leve luz azul brilha do lado de fora do para-brisa.

— Está de volta, — eu sussurro.

— Agarre-se ao sentimento. — Ele abre a porta e corre ao redor do capô para abrir a minha.

Quando saio, me concentro na frente da casa. A luz azul forma um nevoeiro que lentamente limpa enquanto olho para a elegante fachada. Nada está diferente.

— Eu posso ver a luz, mas nada sobre a casa está diferente. — Eu sinto Sam e Tate ao meu lado. Uma cintilação de luz na varanda me chama a atenção. — Exceto que as luzes são movidas a gás, não eletricidade.

— Interessante, — diz Tate. — Vamos entrar?

Agarrando minha mão, Andrew coloca-a no seu cotovelo. — Tente manter a visão e deixe-nos saber o que você vê.

Eu o sigo pelas escadas da frente até a grande entrada.

Tate tira um molho de chaves do bolso do paletó e destranca a porta. — Dê-me dois segundos para desarmar o alarme.

Ele entra e fecha a pesada porta de madeira. Eu pisco algumas vezes e a névoa azul retorna.

Quando ele abre a porta novamente, eu recuo. O foyer está decorado para o Natal.

Uma enorme árvore enche o centro do hall de entrada, iluminada por velas reais e ornamentos de vidro prateados.

— Madison? — A voz de Andrew atravessa a neblina, mas eu já estou avançando para a sala calorosamente decorada.

Ramos de sempre-vivas e buxo[13] cobrem cada entrada e se torcem como uma serpente gigante subindo as escadas. Velas brancas fornecem mais luz, suas chamas dançando nas correntes de ar.

— É uma festa de feriado, — eu sussurro.

Ciente dos meus amigos próximos, eu ando pela biblioteca. A familiar lareira brilha com um fogo sob a chaminé coberta de folhagens. A falta de calor contra a minha pele me faz lembrar que é apenas parte da minha visão.

Livros estão em filas perfeitas nas prateleiras, mas eu não vejo nada parecido com os volumes de couro dourado da minha visão anterior. Eu ando pela sala, arrastando minha mão pelas prateleiras e molduras, esperando por uma chave secreta. Não encontrando nada, eu me movo para o meio do hall de entrada, e lentamente giro, tentando embaçar minha visão o suficiente para o livro chamar-me.

O riso e a dança rápida dos sapatos no vestíbulo de mármore param o meu movimento. Eu pisco, esperando ver o som vindo de Sam e Tate, ou mesmo de Andrew, mas eles estão parados perto da lareira.

Quando permito que a névoa azul cubra a minha visão, tenho de saltar para fora do caminho de um casal risonho correndo para fora da sala de jantar. Um leve perfume rosa-chá faz cócegas no meu nariz. Ele a gira e a beija na boca enquanto ela sorri para ele. Vestido com um smoking clássico, o cabelo castanho do homem está

[13] Buxus é um gênero de cerca de 70 espécies da família Buxaceae. Nomes comuns incluem caixa ou buxo.

penteado para trás do rosto. Charmoso, é como eu o descreveria. Segurando a mão dele está uma jovem mulher em um vestido preto sem alças, o cabelo escuro torcido em um coque.

— Sua família está tendo uma festa aqui esta noite? — Eu pergunto a Tate. — De repente estou me sentindo muito mal vestida.

— O quê? — Pergunta ele. — Os Winthrops não acreditam em comemoração natalina.

— O casal que correu pelo vestíbulo, rindo e se beijando? — Eu aponto ao mesmo tempo eu percebo que não há ninguém lá.

— Você pode ver fantasmas? — A voz de Sam sai como um guincho. — Estou fora daqui.

— Eles não podem te machucar, Samantha, — Tate tranquiliza-a. — Eu vou segurar sua mão se isso fizer você se sentir melhor.

Sem olhar para eles, sei que Sam provavelmente está corando.

— Siga-os, — Tate instrui.

Eu ouço o som da risada feliz do casal. O eco fraco vem do corredor, então me movo naquela direção. Vozes suaves se envolvem em brincadeiras leves que terminam em risadas depois que ele diz: — Vamos lá, eu vou te mostrar se você não acredita em mim.

Escaneando o corredor interior mais escuro, eu pego uma porta se fechando. — Por aqui.

Parando em frente à porta, eu inalo. Eu não acredito em fantasmas. Como eu não acreditava em magia.

— Eu estou aqui e vou te proteger. — Andrew aperta minha mão.

— Eu também, — Sam concorda sem hesitação, e Tate repete suas palavras.

Eu abro a porta e revelo um escritório, alinhado com mais estantes de livros. Não há decorações ou velas na sala escura. Um raio de luz de uma abertura na parede ilumina o espaço.

— Há uma porta escondida. — Eu não me incomodo de fingir que o pensamento não me excita. Mesmo que eu esteja apavorada agora porque estou seguindo um casal fantasma.

Infelizmente, a passagem secreta se fecha antes que possamos entrar e o riso desaparece.

— Se foi, — eu digo, desapontada.

Tate liga as luzes e a luz elétrica brilhante preenche o espaço. Parece desagradável e estou ciente do leve zumbido nos fios.

— Este é o escritório do meu pai. Eu costumava brincar debaixo de sua mesa quando era uma adorável criança. — Tate anda até o meio da sala. — Tenho certeza que eu saberia se houvesse uma porta secreta aqui.

Estou ouvindo enquanto estudo a parede onde o casal desapareceu. O painel de madeira profunda segue um padrão de moldagem retangular, acima de lambris espessos, abaixo de um trilho de cadeira[14]. Eu corro meu dedo indicador ao longo do trilho de cadeira até que minha unha pega um vinco.

[14] Trilho de cadeira é um tipo de revestimento na parede.

— Acho que encontrei. — Acima do entalhe está o retrato de um homem de aparência severa, todo de preto, com a peruca branca fofa da moda masculina do século XVIII.

— Claro, — Tate ri. — Jonathan Winthrop, seu cachorro velho.

Tate esfrega as mãos ao longo da parede e sob o trilho de cadeira. Um clique suave soa quando ele encontra o fecho.

O painel balança para frente, revelando uma pequena sala forrada de estantes de livros do chão ao teto.

— Isso deve compartilhar uma parede com a biblioteca. — Parecendo curioso, Andrew pega o telefone e liga a lanterna. — Eu me pergunto se há uma porta de ambos os lados para fuga.

Com certeza, há um esboço fraco de outra porta em frente à nossa.

— O livro está aqui? — Sam me refoca.

Eu embaço minha visão, imaginando se posso chamar minhas visões sem beijar Andrew primeiro. Digitalizando as prateleiras, um tom brilhante de azul chama minha atenção.

— Lá em cima. — Eu aponto para a prateleira de cima. — No meio.

Andrew alcança e puxa para baixo o fino livro de couro preto que eu vislumbrei no porão.

Eu espero que um vento gire ao nosso redor, ou que as luzes se apaguem, mas nada de extraordinário acontece. Além do fato de que eu tive uma visão de um livro e dois fantasmas me ajudaram a encontrá-lo.

A única coisa que acontece é que minha dor de cabeça desaparece.

A campainha toca do foyer. Fazendo todos nós pularmos e Sam gritar.

Segurando seu peito, ela se inclina na cintura e grita: — Eu estou bem. Estou bem. Estamos. OK.

Eu esfrego círculos suaves nas costas dela. — Está tudo bem. É apenas a campainha.

— Esperando alguém? — Andrew pergunta a Tate com uma sobrancelha levantada.

— Neste ponto, nada vai me surpreender. — Tate é o primeiro a sair da sala.

Andrew recoloca o livro na prateleira. — Esteve seguro lá. Melhor deixar o livro ficar adormecido.

Eu entrego-lhe o envelope do bolso do casaco. — Coloque isso em cima. Por enquanto.

Ele me dá um breve aceno. — Até que você precise.

Eu me pergunto se ele sabe o que o envelope contém, mas não pergunto a ele.

Quando estamos todos de volta ao escritório, Tate fecha a porta e certifica-se de que a pintura está reta. — Vamos ver se são boas ou más companhias?

* * *

Andrew e Sam me cercam enquanto esperamos que Tate atenda a porta. Eu posso sentir a tensão rolando dos ombros de

Andrew de um lado, enquanto Sam vibra com nervosismo e descrença.

— Quem é? — Tate pergunta com uma piscadela. — Espero que você não esteja aqui por doces ou travessuras porque o Halloween foi há quase dois meses.

— Como ele pode estar brincando? — Sam pergunta com os dentes cerrados.

— Ele está iluminando o ambiente, — explica Andrew.

— Eu não tenho certeza se está funcionando, — eu digo, apertando sua mão com mais força.

— Isso é porque ele não está dirigindo isso para nós. — Andrew inclina a cabeça em direção à porta.

— É a comunidade amigável do seu coven, — uma voz familiar responde do outro lado da porta.

— Nós temos brownies, — outra voz familiar entra em cena. — Chocolate em dobro.

São Sarah e Martha, do Livro Negro, nossa cafeteria favorita. O Livro Negro. Tem que ser uma coincidência que o livro que encontrei também seja negro.

Ar frio serpenteia pelo meu cabelo e pela minha pele quando a porta finalmente se abre.

Sarah faz uma linha reta através do limiar com uma caixa de sal. Quando ela me pega olhando, ela diz: — Precaução extra para manter fora a energia ruim e quaisquer convidados inesperados.

Sua voz abaixa, soando mais sombria quando Sarah lança um feitiço. — Sal da terra e sal do mar, proteja a todos a que foram convidados a entrar.

Um por um, os membros familiares do coven de Salem pedem permissão a Tate para entrar. Ele repete suas boas vindas a cada pessoa antes de cruzar a linha de sal.

— Andrew, você se importa de acender uma fogueira ou duas para aquecer a velha mansão? — Tate pergunta enquanto leva todo mundo para a biblioteca.

Andrew assente e se aproxima da lareira.

Eu reconheço o Sr. Bishop por sua bengala enquanto ele acompanha a Sra. Howe até um assento perto da lareira. Eles são seguidos pelos Wardwells e as irmãs Good. As irmãs Parker causam rebuliço por Sam, que elas reconhecem do Mabon em setembro. Nenhum sinal do Dr. Philips, mas ele provavelmente está no *O Quebra-Nozes* hoje à noite.

Martha coloca uma grande bandeja de brownies na mesa de console sob a grande janela da biblioteca.

— Comam, vocês devem estar famintos. — Ela dá um tapinha na minha bochecha.

Não me lembro de ter comido nada além de donuts mais cedo. Esse ainda é o mesmo dia? É possível que a fogueira onde Andrew quebrou a maldição tenha sido apenas uma semana atrás? Estou perdendo todo o sentido do tempo.

Sarah pega um brownie e morde. — Martha, sua comida é pura magia.

O grupo ri da piada. Até Sam parece relaxar agora que o coven chegou. Ela conhece essas pessoas, tendo dançado ao luar da colheita com elas. Ou seja, lá o que for que os Wiccanos façam na floresta.

— Você achou o livro? — Sarah corta a conversa polida.

Eu procuro Andrew por confirmação, devemos compartilhar esta informação com os outros. Ele concorda.

— Nós achamos. Está seguro, — eu falo baixinho.

— O que está seguro? — Pergunta a irmã mais velha Parker, olhando para mim através de seus óculos de leitura vermelhos, em vez de sobre eles, fazendo seus olhos parecerem maiores.

— Nossa história, — Sarah responde.

— Bom, porque eu estava começando a duvidar de sua profecia sobre a garota Bradbury. — O Sr. Bishop pega dois brownies em um guardanapo e os enfia dentro de sua jaqueta de tweed.

— Corey-Bradbury, — eu o corrijo.

As vozes na sala silenciam todas de uma só vez.

— Isso muda tudo, não é? — Pergunta a sra. Howe ao grupo. — Todos nós notamos a mudança, querendo admitir ou não. — Ela franze a testa para o Sr. Bishop. — Sarah tem falado sobre essa profecia por uma década agora. Se a nossa magia está desaparecendo, chegou a hora.

— De quê? — Eu pergunto.

— A troca do protetor. Mantivemos relações pacíficas por décadas. Agora a magia negra está crescendo e nossa capacidade de bloquear enfraqueceu. No começo, nós nos preocupávamos que tudo estivesse se esvaindo enquanto as linhas da família se diluíam ao longo das gerações. — A Sra. Howe assume o papel de porta-voz do grupo.

Outros se juntam à conversa quando começam a discutir uma nova era para o Coven de Salem.

— Madison? — Sarah chama meu foco para ela. — Eu sei que tem sido um redemoinho, mas este é o seu direito de nascença.

— Fantasmas, feitiços, maldições, visões e livros de magia? — Eu divago sobre uma lista de tudo que eu encontrei desde o Halloween.

— Fantasmas? Isso é delicioso, — diz o Sr. Bishop secamente.

Sam e eu fixamos os olhares e ela começa a rir. — O que há nesses brownies, Martha? Ervas mágicas?

Tate ri. Quando Sam olha para ele, ele levanta as mãos. — Não é coisa minha. Algumas coisas são apenas engraçadas.

— Acho que esta noite pede champanhe, — sugere Martha.

Meu queixo cai com descrença. — O que estamos celebrando?

— Por um lado, champanhe é sempre uma coisa boa e eu suspeito que os Winthrops tenham uma ou duas garrafas muito boas na adega. Em segundo lugar, estamos brindando a vocês quatro.

— Por quê? — Sam pergunta, vocalizando minha mesma pergunta.

— Vocês são a próxima geração do Coven de Salem, — Sarah diz, orgulho brilhando em seus olhos enquanto ela se concentra em Andrew, Tate, Sam e, finalmente, eu.

Ele olha para mim. — Eu tentei te avisar. A vida nunca será chata comigo. Você está pronta para tudo isso?

Minha decisão é automática. Este é meu destino; meu futuro é com ele. Seja o que for que signifique.

Assentindo, fico na ponta dos pés. Em resposta, ele pressiona o beijo mais suave na minha boca.

Enquanto nos agarramos um ao outro, eu olho em volta da sala para esse improvável grupo de bruxas.

Nós poderíamos estar tendo uma reunião do clube do livro. E de certa forma, acho que estamos.

Em algum lugar do lado de fora espreita o nosso inimigo, talvez um coven inteiro de velhos inimigos que nos desejam mal. O equilíbrio entre o bem e o mal está novamente em risco.

*Continua...*